

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ

MARIANA CRISTINA LAURO

**MULHERES QUE INSPIRAM: INTERPRETAÇÕES DO FEMINISMO NEGRO NO
VIDEOCLÍPE *DONA DE MIM*, DE IZA**

CURITIBA

2022

MARIANA CRISTINA LAURO

**MULHERES QUE INSPIRAM: INTERPRETAÇÕES DO FEMINISMO NEGRO NO
VI2DEOCLIFE *DONA DE MIM*, DE IZA**

**Inspiring women: interpretations of black feminism in the video clip *Dona de
Mim*, by IZA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial à obtenção do título de
Bacharel do curso de Design da Universidade
Tecnológica Federal do Paraná.

Orientadora: Dra. Ana Claudia Camila Veiga de
França.

CURITIBA

2022



4.0 Internacional

Este trabalho está licenciado sob [Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/). Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho para fins não comerciais, desde que atribuam o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

Conteúdos elaborados por terceiros, citados e referenciados nesta obra não são cobertos pela licença.

MARIANA CRISTINA LAURO

**MULHERES QUE INSPIRAM: INTERPRETAÇÕES DO FEMINISMO NEGRO NO
VIDEOCLÍPE DONA DE MIM, DE IZA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial à obtenção do título de
Bacharel do Curso de Bacharelado em Design da
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
(UTFPR).

Data de aprovação: 8 de dezembro de 2022

Ana Claudia Camila Veiga De França
Doutorado
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Silmara Simone Takazaki
Doutorado
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Lindsay Jemima Cresto
Doutorado
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

**CURITIBA
2022**

AGRADECIMENTOS

Inicialmente agradeço a minha mãe Marlene de Fatima Lauro e a minha avó Mercedes de Lourdes Segatto Lauro, por serem exemplos práticos de resistência e força. Mulheres que assim como outras milhares me criaram em dupla jornada e até hoje me inspiram e me enchem de orgulho de diversas formas. Mãe, obrigada por ser um exemplo de mulher guerreira e empoderada, mesmo que muitas vezes não se dê conta, sem você nada do que sou hoje seria possível.

Ao meu padrasto e ao meu irmão pelo cuidado, carinho, amor e apoio.

Aos meus amigos que conheci durante o curso e que participaram ativamente durante a minha jornada acadêmica, cada um tem um papel essencial na minha formação, sem o suporte de vocês essa jornada teria sido bem mais entediante. Em especial, à Nathália pela paciência, amizade, debates e trocas diárias que vivenciamos juntas.

Ao meu companheiro Gabriel Lucas Bachmann Ribeiro, que apesar das minhas crises e reclamações, sempre me apoiou imensamente dando força, carinho, atenção, conselhos, amor e conforto nos momentos de decepção.

À minha querida orientadora Dra. Ana França de Veiga, por ser uma fonte de inspiração e pelas conversas, orientações e contribuições durante o processo deste trabalho. Muito obrigada!

Por fim, agradeço a todas as feministas que, assim como eu, sabem a importância da representatividade, lutam por um mundo igualitário e não se calam diante do machismo e do racismo na sociedade.

Se eu luto contra o machismo, mas ignoro o
racismo, eu estou alimentando a mesma
estrutura.

(Djamila Ribeiro, 2016)

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar como interpretações do feminismo negro estão presentes nas narrativas audiovisuais no videoclipe *Dona de mim*, da artista Isabela Lima. A metodologia de análise foi dividida em duas partes: uma análise sobre o movimento feminista negro, no qual destacaram-se as autoras Carla Akotirene, bell hooks, Djamila Ribeiro, Lélia Gonzalez e Ceila Almeida. E uma análise técnica sobre o uso da linguagem cinematográfica, em que foram utilizados métodos da Manuela Penafria, Robert, John e Steven, bem como estudos sobre os signos explicados por Stuart Hall. A análise apontou que a produção audiovisual do videoclipe reforça a dupla discriminação de gênero e raça que interfere no cotidiano em que as protagonistas estão inseridas.

Palavras-chave: Feminismo negro. Interseccionalidade. Audiovisual. Análise cinematográfica. Videoclipe.

ABSTRACT

The objective of this work is to analyze how interpretations of black feminism are present in the audiovisual narratives in the music video *Dona de mim*, by the artist Isabela Lima. The analysis methodology was divided into two parts: an analysis of the black feminist movement, in dialogue with the authors Carla Akotirene, bell hooks, Djamila Ribeiro, Lélia Gonzalez and Ceila Almeida. And a technical analysis on the use of cinematographic language, in which Manuela Penafria, Robert, John and Steven methods were used, as well as studies on the signs explained by Stuart Hall. The analysis pointed out that the audiovisual production of the video clip reinforces the double discrimination of gender and race that interferes in the daily life in which the protagonists are inserted.

Keywords: Black feminism. Intersectionality. Audio-visual. Film analysis. Video clip.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Painel semântico do videoclipe <i>Dona de mim</i>	12
Figura 2 - Painel semântico das personagens principais	13
Figura 3 - Mapa de literatura	18
Figura 4 - Plano desfocado ao fundo	27
Figura 5 - Cômulo cozinha	29
Figura 6 - Cenário não identificável.....	30
Figura 7- Igreja.....	30
Figura 8 - Iza e o coral	31
Figura 9 - Plano <i>contra-plongée</i>	32
Figura 10 - Painel semântico da mãe solo	33
Figura 11 - Personagem 2.....	38
Figura 12 - Ângulo lateral	39
Figura 13 - <i>Plongée</i>	39
Figura 14 - <i>Contra-plongée</i>	40
Figura 15 - Professora na igreja.....	41
Figura 16 - Tiroteio	42
Figura 17 - Iza abraçando os personagens.....	43
Figura 18 - Painel semântico da professora.....	44
Figura 19 - Personagem 3.....	49
Figura 20 - Advogada se olhando no espelho	50
Figura 21 - Tribunal	51
Figura 22 - Réu com as algemas	52
Figura 23 - Advogada na igreja	52
Figura 24 - Plano <i>Over the Shoulder</i>	53
Figura 25 - Juiz.....	54
Figura 26 - Painel semântico da advogada e da ré	55
Quadro 1 - Signos relevantes (mãe solo).....	34
Quadro 2 - Signos relevantes (professora)	45
Quadro 3 - Signos relevantes (advogada e ré).....	56
Gráfico 1 - Famílias formadas por mães solas no Brasil	15
Gráfico 2 - Docentes negros em universidades públicas e particulares no Brasil	16
Gráfico 3 - Transfobia na América do Sul e Central	17

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 OBJETIVOS	13
1.2 JUSTIFICATIVA	13
1.3 METODOLOGIA.....	18
1.3.1 Análise Teórica.....	19
1.3.2 Análise Técnica	19
2 FEMINISMO NEGRO	20
3 A CANTORA POR TRÁS DE <i>DONA DE MIM</i>: IZA	24
4 A TRIPLA JORNADA DE UMA MÃE SOLO	26
4.1 SENTIDO IDEOLÓGICO.....	35
5 VOCÊ JÁ TEVE UMA PROFESSORA NEGRA?	38
5.1 SENTIDO IDEOLÓGICO.....	46
6 MACHISMO E RACISMO NO SISTEMA JUDICIÁRIO BRASILEIRO	49
6.1 SENTIDO IDEOLÓGICO.....	57
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
REFERÊNCIAS	64
ANEXO A – LETRA DA MÚSICA <i>DONA DE MIM</i>	68
ANEXO B – FICHA TÉCNICA	71

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho proponho analisar o videoclipe *Dona de mim*¹, da Isabela Lima, artista negra contemporânea, mais conhecida pelo nome artístico IZA². Isabela Cristina Correia de Lima Lima é cantora, apresentadora e compositora, nascida em Olaria, zona norte do Rio de Janeiro, considerada um dos maiores nomes do pop contemporâneo brasileiro. É formada em Publicidade e Propaganda pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), trabalhou como editora de vídeos e gestora de redes sociais durante alguns anos. Com *Dona de Mim*, a cantora foi indicada a um Grammy Latino³ de Melhor Álbum Pop Contemporâneo em Língua Portuguesa. Mulher, negra e feminista são características e temas que IZA faz questão de ressaltar tanto em sua vida pessoal quanto em suas composições.

Diante disso, apresento a seguinte pergunta de pesquisa: como as interpretações do feminismo negro estão representadas nas narrativas visuais do videoclipe *Dona de Mim*? Em *Dona de mim*, nome que também intitula seu álbum, IZA aborda questões a partir da interseccionalidade entre raça e gênero. Segundo Akotirene (2018):

tal conceito é uma sensibilidade analítica, pensada por feministas negras cujas experiências e reivindicações intelectuais eram inobservadas tanto pelo feminismo branco quanto pelo movimento antirracista, a rigor, focado nos homens negros (AKOTIRENE, 2018, p. 14).

O videoclipe apresenta críticas em relação ao contexto sociocultural que se encontra, como o racismo e a busca por igualdade, observadas tanto na letra da música disponível no anexo A, quanto no videoclipe. É nesse contexto atual que a análise audiovisual tem uma grande relevância social, pois a cantora IZA ilustra a rotina e as lutas das mulheres negras em nossa sociedade, ou seja, a representatividade na canção e no videoclipe é significativa.

Contudo, antes de desenvolver a proposta do presente trabalho, é necessário contextualizar o conceito de “lugar de fala”. O termo “lugar de fala” é usado como um

¹ Para mais, ver em: https://www.youtube.com/watch?v=FnGfgb_YNE8. Acesso em 2 nov. 2021.

² A grafia toda é escrita em letras maiúsculas e com a letra z, respeitando a escolha da cantora.

³ Uma organização internacional sem fins lucrativos dedicada a promover, celebrar, homenagear e engrandecer a música latina e seus criadores. Para mais, ver em: <https://www.latingrammy.com/pt/academia-latina-da-grava-o>. Acesso em 2 de nov. 2021.

instrumento para grupos que têm menos voz ativa nas decisões em que grupos privilegiados são a maioria, a exemplo de debates políticos e no mercado de trabalho (RIBEIRO, 2017). Ou seja, mulheres têm lugar de fala quando o tema é o feminismo, transexuais sobre a transfobia, pessoas negras sobre o racismo, entre outras. Conforme Rosane Borges (*apud* RIBEIRO, 2017, p. 47) explica, “pensar em lugar de fala é uma postura ética, pois saber o lugar de onde falamos é fundamental para pensarmos as hierarquias, as questões de desigualdade, pobreza, racismo e sexismo”. Todos nós temos lugares de fala, entretanto, é importante saber qual é o seu, reconhecendo os privilégios concedidos a partir desse lugar.

Eu me autodeclaro uma mulher parda, descendo de negros, italianos e indígenas, porém, definitivamente não sofro o racismo que um homem ou uma mulher negra sofre. Destaco que, quando afirmo que me autodeclaro parda, refiro-me a maneira como o sistema de classificação por cor ou raça da população é utilizado atualmente pelo IBGE⁴. Enfatizo que pardo não é considerada uma cor, pois é um termo pejorativo e racista, como “morena” ou “mulata”, que são utilizadas para amenizar socialmente a quantidade de melanina na pele. Não é essa a ênfase que pretendo dar a este estudo, mas entendo ser de suma importância evidenciar minha consciência sobre a qual grupo social pertenço. Assim, coloco-me no lugar de fala de uma mulher pesquisadora – e feminista – com base nas minhas experiências de vida e no acesso às discussões e pesquisas que atravessam este trabalho.

Durante várias gerações, mulheres têm sido vítimas de estereótipos de gênero e da cultura patriarcal – um sistema social que coloca homens em situação de poder, mais especificamente o homem cis hétero branco. É pelo passado histórico de constantes opressões das mulheres que surge no Brasil o movimento feminista, a chamada “primeira onda”, responsável por reivindicar o direito ao voto e à vida pública (RIBEIRO, 2017).

O objetivo do movimento feminista é construir um mundo de igualdade entre homens e mulheres, promovendo mudanças políticas, ideológicas e sociais em benefício das mulheres e da sociedade como um todo. Esse movimento também luta contra a imposição de padrões de beleza e de comportamentos considerados “femininos”, isto é, como mulheres devem se portar. Para além disso, busca combater

⁴ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Veja em <https://www.ibge.gov.br/acesso-informacao/institucional/o-ibge.html>. Acesso em 02 de nov. de 2021.

as inúmeras formas de opressões e violências, tais como o assédio moral, sexual, físico e psicológico. As opressões ocorrem de modos diferentes em cada lugar, visto que dependem de fatores históricos e culturais de cada época.

É evidente que as pautas do feminismo, tanto na teoria como na prática, conseguiram muitas conquistas para as mulheres na luta contra a cultura patriarcal e reflexões críticas sobre a condição de desigualdade a que estavam historicamente submetidas. Como pontua Gonzalez (2020, p. 140), “graças à sua produção teórica e à sua ação como movimento, o mundo não é mais o mesmo”.

Apesar dessas contribuições, o feminismo não é universal, possui uma pluralidade de pautas, afinal, mulheres não são iguais e são oprimidas de modos diferentes. Cada mulher ocupa uma realidade diferente, a partir da classe social, raça, orientação sexual, escolaridade que carrega em sua vivência. Ainda hoje, as mulheres sofrem com diversos problemas, dentre eles a posição sócio-política desigual em relação aos homens, com diferença salarial, violência e demais questões. Autoras como Lélia Gonzalez (2020), Carla Akotirene (2018) e Djamila Ribeiro (2017) analisam tais questões sobre mulheres negras, identificando que, além da luta pela igualdade de gênero, essas mulheres lutam contra discriminações raciais e sociais.

Militantes negras – inicialmente não identificadas como feministas – não conseguiam se sentir representadas pelo movimento feminista formado apenas por mulheres brancas de classe média ou alta. À vista disso, as pautas dessas mulheres que buscavam a inserção no mercado de trabalho eram, portanto, diferentes das mulheres negras que sempre trabalharam, mesmo contra sua vontade.

No contexto das opressões sociais, as imagens ocupam um espaço importante de reforço ou tensionamento de estereótipos e violências. Portanto, são indispensáveis representações de mulheres e mulheres negras não só na música, mas em todos os contextos de cultura e comunicação. Interpretações do movimento feminista negro, por exemplo, estão presentes na produção audiovisual *Dona de mim* e evidenciam a luta das mulheres negras.

Assim, este trabalho tem como objetivo principal analisar interpretações do feminismo negro no videoclipe *Dona de mim*, a partir do qual foi construído um painel semântico apresentado na figura 1. *Dona de mim* conta no momento (outubro de 2022)

com mais de 247 milhões de visualizações no canal oficial do *Youtube*⁵ e 140.316.613 reproduções no *spotify*⁶.

Figura 1 - Painel semântico do videoclipe *Dona de mim*



Fonte: Youtube (2021)

O clipe narra situações cotidianas a partir de quatro personagens: uma jovem mãe solo que se desdobra entre tarefas de casa, vida materna e trabalho; uma professora de escola pública que está lecionando quando ocorre um tiroteio perto da escola; e uma advogada transexual (esta informação é somente identificada pois ela é mencionada no mini documentário da cantora IZA) que defende uma cliente negra em um tribunal composto somente por homens brancos. Todas essas mulheres são retratadas no videoclipe e as apresento no painel semântico 2. O videoclipe é intercalado por performances da IZA sozinha ou em cenários com as personagens.

⁵ Site de compartilhamento de vídeos enviados pelos usuários através da internet.

⁶ Plataforma de *streaming* de música e podcast.

Figura 2 - Painel semântico das personagens principais



Fonte: Youtube (2021)

1.1 OBJETIVOS

Discutir como interpretações do movimento feminista negro estão presentes no videoclipe *Dona de mim*, de IZA.

Como objetivos específicos, foram elencados:

- Identificar quais aspectos do feminismo negro se apresentam no videoclipe.
- Analisar as narrativas das quatro personagens apresentadas.
- Analisar o uso da linguagem cinematográfica do videoclipe, como imagem, plano e edição.

1.2 JUSTIFICATIVA

Tomei consciência do que significa o movimento feminista – luta pelos direitos sociais e políticos iguais entre os gêneros – depois de adulta. Quando ingressei no meio acadêmico, essa reflexão se intensificou. A maioria dos meus trabalhos durante a graduação fez referência ou envolveu mulheres que fizeram importantes contribuições sociais, culturais e científicas à humanidade. Mulheres que, assim como eu, sabem a importância da representatividade feminina em espaços públicos, seja

na política, filmes, ciência ou em posições de alta gerência. Em vista desta perspectiva, julgo importante no atual contexto sócio-político desenvolver um trabalho de conclusão de curso que trate de raça e gênero, e a música é um dos campos culturais onde esses temas se fazem presentes.

No Brasil, o ano de 1964 – ano do golpe militar – foi marcado pela opressão das liberdades políticas, sociais e ideológicas. A censura foi uma das principais marcas do período da ditadura militar, com o controle sobre meios de informações que possibilitavam a comunicação na sociedade. Artistas, atrizes⁷, escritoras, cantoras e cineastas manifestaram oposição ao governo autoritário durante esse período da história brasileira como forma de protesto. Diante de tal fato, podemos perceber que “a música se agrega aos movimentos sociais quando passa a expor e criticar um determinado contexto histórico de opressão e/ou desigualdade a que determinados indivíduos estão submetidos” (NASCIMENTO, 2018, p. 20).

Atualmente, qualquer informação que recebemos pela mídia, seja por meio de propagandas, jornais, anúncios, filmes ou comerciais, faz com que nossos sentidos e emoções sejam influenciados. A música é uma ferramenta que tem o poder de despertar sentimentos e transmitir mensagens, com a possibilidade de despertar o senso crítico e mobilizar a conscientização diante dos acontecimentos. Soares (2018, *apud* BONETTI 2008, p. 16) explica que “vídeos de curta duração ou videoclipes com críticas sociais parecem ter ganho destaque na mídia audiovisual”.

Na época atual, o videoclipe não serve apenas para promover artistas e/ou bandas, mas também “[...] uma ferramenta de extrema importância para os artistas musicais divulgarem os trabalhos e também para se posicionarem a respeito de um tema específico” (SOUZA, 2013, p. 59). Do mesmo modo, ocorre com o videoclipe *Dona de Mim*, objeto de análise deste trabalho. O videoclipe alude histórias de quatro mulheres em seu cotidiano, lidando com questões que refletem a realidade da sociedade atual, como machismo e racismo estrutural.

Apesar das conquistas na luta por direitos e igualdade de gênero ao longo dos últimos anos, as mulheres ainda encontram problemas estruturais antigos e contemporâneos que prejudicam a busca por igualdade social e racial. De acordo com Ribeiro (2018, p. 123), “não podemos pensar em gênero de forma isolada, sem incluir raça e classe, porque são categorias indissociáveis”.

⁷ Optou-se neste trabalho por utilizar o feminino genérico no desenvolvimento da monografia.

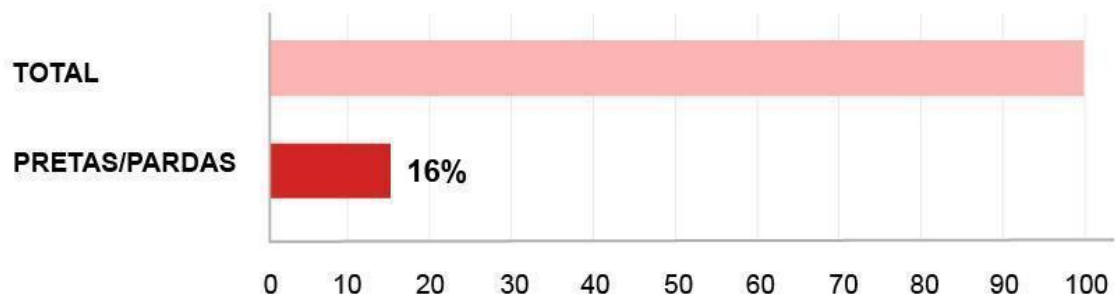
Conforme os dados do IBGE (Gráfico 1) compilados pelo G1 e pela GloboNews⁸, a partir do estudo “Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil”, o Brasil tem mais de 11,4 milhões de famílias formadas por mães solas, sendo que a grande maioria delas são negras (7,4 milhões):



Fonte: Elaboração própria (2021)

Ainda de acordo com o site do G1, em 2017 quase 400 mil pessoas davam aulas em universidades públicas e particulares no Brasil, mas só 62.239 delas, o equivalente a 16% do total, se autodeclararam pretas ou pardas. Os dados (gráfico 2) foram coletados e divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP):

⁸ Portais de notícias brasileiras mantidas pelo grupo Globo e sob orientação da central Globo de jornalismo.

Gráfico 2 - Docentes negros em universidades públicas e particulares no Brasil

Fonte: Elaboração própria (2021).

Ter a liberdade de ser quem é não é fácil para quem não se identifica com o gênero ao qual foi designado em seu nascimento. Esse é o caso das pessoas trans, termo para designar casos em que não há conformidade de gênero, ou seja, quando o gênero designado não corresponde com a maneira como a pessoa se reconhece. Como exemplo, ao nascer a pessoa é identificada como menino, porém com o tempo percebe que não se vê dessa forma.

Segundo o site *Brasil de Fato* e em conformidade com a ONG *Transgender Europe* (TGEU), que monitora dados globalmente levantados por instituições trans e LGBTQIA+, o Brasil está há 13 anos no topo da lista dos países que mais matam transexuais no mundo. De todos os assassinatos registrados, 70% aconteceram na América do Sul e Central, sendo desse percentual, 33% foi no Brasil (Gráfico 3), com a maioria das vítimas negras e pobres.

Gráfico 3 - Transfobia na América do Sul e Central



Fonte: Elaboração própria (2021).

O título deste trabalho, “Mulheres que inspiram”, é o mesmo atribuído a um mini documentário⁹ lançado em novembro de 2018 no *Youtube*, no qual a cantora IZA conta como foi o processo criativo do videoclipe e as histórias das mulheres por trás da produção. Este mini documentário e o *making off*¹⁰, divulgados pela cantora em 2018, são parte dos motivos pelos quais me interessei por esta investigação. Como a própria IZA destaca no mini documentário, a intenção do videoclipe foi mostrar a vida de personagens inspiradas em mulheres reais. Por esse motivo, a cantora e o diretor, Felipe Sassi, não utilizaram atrizes para interpretar as protagonistas, mas sim mulheres comuns que foram escolhidas pela semelhança de suas histórias com as visões sociopolíticas da cantora.

A ficha técnica completa do videoclipe pode ser consultada no anexo B. “Quero muito que as mulheres se sintam empoderadas e confiantes o suficiente para

⁹ Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=NtizWlt1X-Q>. Acesso em 12 out. 2021.

¹⁰ Ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=T-f-zprsa4>. Acesso em 12 out. 2021.

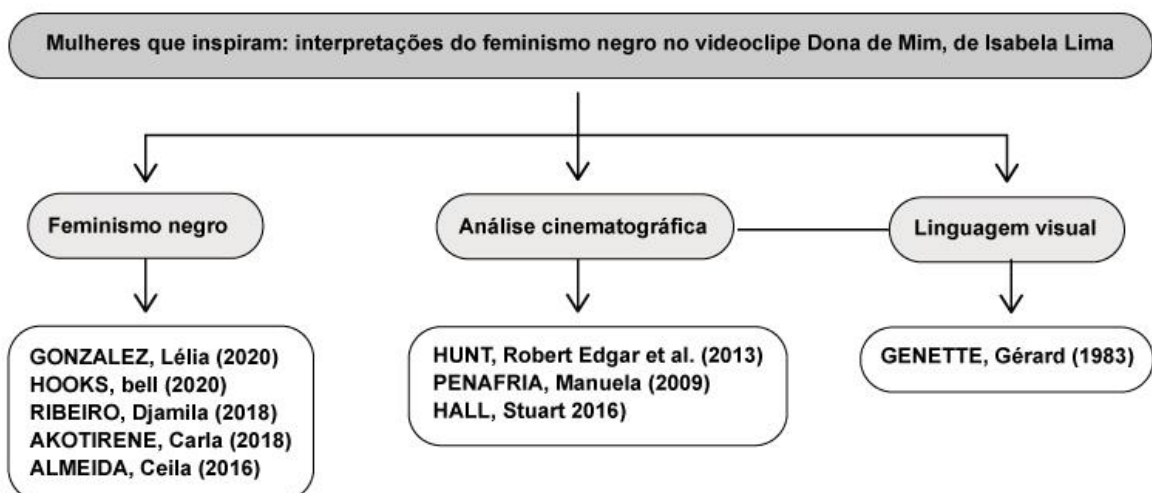
serem quem elas realmente querem ser e não aquilo que dizem para elas serem”, explica IZA (2018) em seu mini documentário.

O videoclipe *Dona de mim* aborda interpretações do feminismo negro, incluindo relações de interseccionalidade entre raça e gênero. Os temas tratados no videoclipe são importantes e necessários para a formação de uma sociedade democraticamente igualitária, e mostram um diálogo entre música, linguagem cinematográfica, figurino e cenário. Em razão disso, no decorrer deste trabalho, proponho analisar como o videoclipe utiliza a linguagem visual e sistemas de representação audiovisuais para apresentar questionamentos e/ou indagações sobre interpretações do feminismo negro.

1.3 METODOLOGIA

Conforme apresentado abaixo, na Figura 3, foi elaborado um mapa de literatura com palavras-chaves para organizar a metodologia e as referências bibliográficas do projeto. A pesquisa foi dividida em duas partes: uma análise sobre o movimento feminista negro e outra com estudos sobre o uso da linguagem cinematográfica. Cada capítulo trata de uma personagem do videoclipe.

Figura 3 - Mapa de literatura



Fonte: Elaboração própria (2021)

1.3.1 Análise Teórica

Na busca pela fundamentação teórica que permeia o movimento feminista negro a fim de salientar o seu surgimento e reivindicações, faz-se necessário abordar, por meio de uma pesquisa bibliográfica constituída principalmente de livros e artigos científicos das autoras Carla Akotirene, bell hooks¹¹, Djamila Ribeiro, Lélia Gonzalez e Ceila Almeida. Para entender as referências, motivações e a trajetória profissional da cantora Isabela Lima, foram usados sites de notícias voltados à música pop nacional e internacional.

1.3.2 Análise Técnica

Será feita uma decomposição do videoclipe, com abordagem dos componentes visuais e da linguagem cinematográfica, possibilitando uma melhor compreensão sobre o videoclipe *Dona mim*. Para estender conceitos sobre a linguagem do cinema, as atividades de análises de filmes, seus elementos estéticos e técnicos, serão usadas as metodologias do artigo “Análise de Filmes - conceitos e metodologias”, de Manuela Penafria, que propõe dividir a análise em pontos de vistas: aspectos visuais e sonoros, sentido narrativo e sentido ideológico.

Usarei também as metodologias abordadas no livro “A linguagem do cinema” dos autores Robert, John e Steven, mas especificamente os estudos da semiótica e a metodologia de Gérard Genette, denominada de *Narrative Discourse: An Essay in Method*. Para complementar a análise será usado os estudos dos signos de Stuart Hall.

Segundo Penafria (2009), analisar um filme - neste caso, um videoclipe – pressupõe a decomposição do objeto de estudo. A autora explica que “é comum aceitar que analisar implica duas etapas importantes: em primeiro lugar decompor, ou seja, descrever e, em seguida, estabelecer e compreender as relações entre esses elementos decompostos, ou seja, interpretar” (PENAFRIA, 2009, p. 1).

Dessa maneira, é possível decompor, visualizar e compreender como o videoclipe é constituído para, posteriormente, analisar as cenas principais e suas representações.

¹¹ A grafia se dá minúscula, pois segundo a própria autora, “o mais importante em meus livros é a substância e não quem sou eu”. O presente trabalho respeita sua escolha.

2 FEMINISMO NEGRO

Antes de esmiuçar o surgimento do feminismo negro, apresento uma síntese do movimento iniciada pelo feminismo branco no Brasil, que pode ser dividido em “três ondas”. É importante ressaltar que, neste trabalho, a divisão histórica do feminismo em “ondas” é usada para analisar os marcos temporais e históricos sobre os progressos obtidos dentro das práticas e das teorias feministas, e que se manifestam em feminismos do mundo inteiro, porém, não de forma simultânea. Por exemplo, as reivindicações da primeira onda não estavam completamente resolvidas quando chegou a segunda onda e assim por diante.

Na virada do século XIX para o XX, a sociedade presenciou uma série de protestos que se consolidou em torno da luta pela igualdade de direitos entre homens e mulheres, e essas manifestações inevitavelmente alcançaram o Brasil. A chamada primeira onda não buscava por igualdade plena entre mulheres e homens, seu objetivo era a igualdade de direitos no exercício da vida pública, como a ampliação do campo de trabalho particularmente destinada às mulheres brancas, uma vez que as mulheres negras sempre trabalharam fora de casa. A principal reivindicação foi o direito ao voto, ou como ficou conhecido posteriormente, o sufrágio. Foi por esse motivo que estas mulheres ficaram conhecidas como sufragistas. Na segunda onda, a sexualidade feminina foi o tema primordial, abordando funções reprodutivas e liberdade sexual. A pílula anticoncepcional foi criada nesse período e permitiu que mulheres desvinculassem o sexo do amor e da maternidade, ressignificando o prazer feminino.

A primeira onda do feminismo contemplava somente mulheres brancas de classe média/alta e, embora afirmasse abordar necessidades e preocupações de todas as mulheres, o movimento feminista branco falhou ao negligenciar necessidades específicas de mulheres negras. De acordo com Ribeiro (2017, p. 52), as mulheres negras já percebiam esse negligenciamento muito antes da segunda onda, “enquanto àquela época, mulheres brancas lutavam pelo direito ao voto e ao trabalho, mulheres negras lutavam para ser consideradas pessoas”. Assim como Djamila, bell hooks (2020, p. 20) explica que “mesmo antes da raça se tornar uma questão debatida nos círculos feministas, estava claro para as mulheres negras que jamais alcançariam igualdade dentro do patriarcado capitalista de supremacia branca”.

Já na terceira onda foi apontada a necessidade de incluir diferentes tipos de opressões. Por tal razão, esse movimento trouxe discussões sobre interseccionalidade entre gênero, raça e classe, gerando violências e demandas específicas. Contudo, a interseccionalidade não foi uma novidade da terceira onda para as mulheres negras, pois desde a primeira onda existiam mulheres negras feministas e, justamente por serem negras, sempre analisaram sua condição enquanto mulheres também sob a perspectiva do racismo. Segundo Almeida (2016, p. 41), “No Brasil, desde o movimento quilombola até as campanhas sufragistas, as mulheres negras estiveram presentes, muito embora, invisibilizadas, surge à urgência, no entanto, de trazer à luz as causas específicas da mulher negra”.

Sojourner Truth – ex-escrava – se tornou oradora em 1851, durante a “Convenção dos Direitos das Mulheres em Ohio”. Um dos discursos de Truth ficou conhecido como “*Ain’t I a Woman*” (E eu não sou uma mulher?). Em suas palavras:

Aquele homem ali diz que é preciso ajudar as mulheres a subir numa carruagem, é preciso carregá-las quando atravessam um lamaçal, e elas devem ocupar sempre os melhores lugares. Nunca ninguém me ajuda a subir numa carruagem, a passar por cima da lama ou me cede o melhor lugar! E não sou eu uma mulher? Olhem para mim! Olhem para meu braço! Eu capinei, eu plantei, juntei palha nos celeiros, e homem nenhum conseguiu me superar! E não sou eu uma mulher? Consegui trabalhar e comer tanto quanto um homem — quando tinha o que comer — e aguentei as chicotadas! Não sou eu uma mulher? Pari cinco filhos, e a maioria deles foi vendida como escravos. Quando manifestei minha dor de mãe, ninguém, a não ser Jesus, me ouviu! E não sou eu uma mulher? (TRUTH, 1851, *apud* RIBEIRO, 2017, p. 51).

O discurso de Truth já demonstrava a invisibilidade das mulheres negras como sujeitos do feminismo, tendo evidenciado, à época, um grande dilema que o feminismo iria enfrentar posteriormente: a interseccionalidade, ou seja, a inseparabilidade estrutural entre gênero, raça e classe.

O termo interseccionalidade nos permite compreender melhor como diversas opressões e discriminações interagem entre si, influenciando a forma como vivenciamos a vida em sociedade. No livro *Interseccionalidade*, Carla Akotirene (2018) pontua que o termo ganhou espaço em 2001, na cidade Durban, na África do Sul, a partir de uma conferência mundial contra o racismo, realizada por Kimberlé Crenshaw. De acordo com a autora, “a interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-

metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado” (AKOTIRENE, 2018, p. 14).

Um exemplo de uma das reivindicações feitas por feministas brancas, até então limitadas às tarefas domésticas, foi a luta pela inclusão no mercado de trabalho. Entretanto, a experiência de mulheres negras mostra que elas sempre exerceram o trabalho fora do âmbito doméstico, seja na forma assalariada ou mesmo escravizadas, como indica a história brasileira. A interseccionalidade, nesse sentido, nos permite compreender que cada um de nós é atravessado por diferentes marcadores sociais que operam de formas combinadas. A autora define a relação entre os feminismos negros e interseccionalidade da seguinte maneira:

O feminismo negro dialoga concomitantemente entre/com as encruzilhadas, digo, avenidas identitárias do racismo, cisheteropatriarcado e capitalismo. O letramento produzido neste campo discursivo precisa ser aprendido por lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queer e intersexos (LGBTQI), pessoas deficientes, indígenas, religiosos do candomblé e trabalhadores (AKOTIRENE, 2018, p. 19).

Desta forma, é de suma importância buscar a inclusão de grupos minoritários politicamente que são discriminados de maneira múltipla. Carla Akotirene (2018, p. 56) argumenta que “a interseccionalidade pode ajudar a enxergarmos as opressões e combatê-las, reconhecendo que algumas opressões são mais dolorosas. E que às vezes somos oprimidos, mas às vezes somos opressores”.

As mulheres negras eram excluídas do movimento feminista branco devido a sua raça; e do movimento negro em razão de seu gênero. Neste contexto, no Brasil, o feminismo negro emerge com a junção de dois movimentos: feminismo e o movimento negro (ALMEIDA, 2016). Segundo a autora:

As mulheres negras participantes desses dois movimentos, o negro e o feminista, conscientes da importância de seu papel na história buscaram desmascarar situações específicas de conflito e exclusão. Com isto, não só contribuíram para a conquista de maior visibilidade como sujeitos políticos perante esses movimentos e a sociedade, como trilham um caminho próprio através da construção do movimento autônomo de mulheres negras (RIBEIRO, 1995, p. 446 *apud* ALMEIDA, 2016, p. 41).

No Brasil, emerge na década de 1970 o Movimento de Mulheres Negras (MMN), e, como consequência, o movimento feminista negro, que visibilizou a importância dos recortes raciais e de gênero. O movimento feminista negro buscou

centralizar e explorar as experiências das mulheres negras, assim, a questão racial passou a figurar em primeiro plano. Dito de outra forma, a interseccionalidade, como apresenta Akotirene (2018), assume um papel central na luta do feminismo negro. Em *O feminismo é para todo mundo*, bell hooks explica o movimento feminista contemporâneo:

Entraram para o movimento apagando e negando a diferença, sem pensar em raça e gênero juntos, mas eliminando a raça do cenário. Priorizar gênero significou que mulheres brancas podiam assumir o palco, dizer que o movimento era delas, mesmo ao convocar todas as mulheres para aderir. A visão utópica de sororidade evocada em um movimento feminista que inicialmente não considerava diferença racial ou a luta antirracismo séria não captou o pensamento da maioria das mulheres negras/não brancas (HOOKS, 2018, p. 70).

“A tomada de consciência da opressão ocorre, antes de tudo, pelo racial” (GONZALEZ, 2020, p. 147). Sendo assim, não é possível que mulheres negras compreendam gênero e opressão racial de forma distinta, visto que a separação aumenta a invisibilidade das diferentes necessidades das mulheres negras comparadas às mulheres brancas. “O feminismo negro assim se constitui em um movimento político e social, de luta contra as opressões racistas e sexistas que violam a dignidade da mulher negra no Brasil” (ALMEIDA, 2016, p. 43).

3 A CANTORA POR TRÁS DE *DONA DE MIM*: IZA

IZA é o nome artístico da cantora brasileira Isabela Cristina Correia de Lima Lima, nascida em 3 de setembro de 1990, no Rio de Janeiro. Filha de Isabel Cristina Lima, professora de música e artes, e de Djalma Leite Lima, militar da Marinha. Seus pais são primos de segundo grau, motivo pelo qual a cantora recebeu o sobrenome Lima duas vezes. Aos 6 anos mudou-se para Natal, no Rio Grande do Norte, quando seu pai foi transferido para servir a Base Naval da cidade. De volta ao Rio de Janeiro com 14 anos, em 2005, IZA começou a cantar no coral de uma igreja em que frequentava na época, fazendo apresentações em paróquias e outros eventos em Olaria, bairro onde nasceu e cresceu. Com o tempo, foi recebendo convites para se apresentar em outros eventos.

Formada em Publicidade e Propaganda pela PUC-Rio, ingressou na carreira profissional como editora de vídeos. Paralelamente ao trabalho publicitário, em 2015, criou um canal no *Youtube* e na plataforma começou a disponibilizar vídeos cantando *covers* de músicas de outros artistas, como “*He can only hold her*”, de Amy Winehouse. Depois vieram versões de “*Stay with me*”, de Sam Smith, “*Hello*”, de Adele, e mesclando “*Flawless*”, de Beyoncé, e “*Rude boy*”¹², de Rihanna. Em 2016, IZA foi descoberta pela *Warner Music* através do canal no *Youtube*, e assinou contrato com a gravadora.

A discografia de IZA conta com seu primeiro álbum de estúdio, lançado em abril de 2018 intitulado *Dona de Mim*, que conta com 14 faixas. *Dona de Mim* é majoritariamente composto por canções do gênero pop e R&B, mas possui uma mescla de estilos como o reggae fusion¹³, acid jazz¹⁴ e afrobeat¹⁵. Na época dos *covers* já era possível perceber o gênero predominante em seu estilo próprio. O estilo musical de IZA é classificado como pop e R&B, contudo, a artista mistura nas suas canções estilos e gêneros diferentes como jazz, hip hop, reggae fusion, soul e alguns elementos da cultura afro-brasileira, como o berimbau na música “Ginga”.

Em setembro de 2018, IZA lançou o single *Dona de Mim*, tendo duração de 4’34”, contando com a composição de Arthur Marques e a produção de Brabo, Pablo

¹² Para mais, ver em: <https://www.youtube.com/watch?v=fjk5fUsOOs&t=6s>

¹³ Gênero musical que mistura reggae com outros gêneros, como pop, rock, R&B e jazz.

¹⁴ Gênero musical que mistura soul music, jazz, funk e música disco particularmente com batidas loop.

¹⁵ Gênero musical que combina com música iorú

Bispo, Ruxell e Sérgio Santos, além da direção de Felipe Sassi e o roteiro feito pela própria cantora. O clipe foi elaborado de modo um pouco diferente, visto que não contou com a presença de dançarinas e atrizes. IZA convidou não-atrizes que protagonizaram histórias inspiradas em fatos reais, o que tornou as cenas bastante sensíveis.

Dona de mim recebeu indicação ao *Grammy Latino* de 2018 na categoria de melhor álbum pop contemporâneo em língua portuguesa. Em uma entrevista realizada pelo portal POPline¹⁶ (2018), a cantora explicou a letra da música, que expõe um discurso sobre feminismo, racismo e machismo, assim como outros trabalhos da cantora. Em suas palavras:

[...] na verdade, essas questões como empoderamento, representatividade, feminismo, racismo, feminismo negro, tudo isso acaba acompanhando meu trabalho – não só porque se fala muito sobre isso, mas por causa a realidade de onde eu venho. Por causa das minhas experiências. Eu falo muito sobre isso, porque se pergunta muito para mim sobre isso! Sabe? Não é uma coisa de 'acordo falando sobre isso'. Mas são coisas importantes de serem faladas.

IZA se inspira majoritariamente em pessoas pretas, como Beyoncé, Stevie Wonder, Whitney Houston, Mariah Carey, Liniker, Elza Soares e Emicida. IZA relata que na infância não via muitas pessoas negras na TV, “esse é o nosso momento, nunca tivemos tanto poder de influência quanto agora. Todos os artistas negros que estão aí precisam se empoderar e levantar essa bandeira”. Além da representatividade, a cantora entende que é um espelho para muitas meninas negras que, assim como ela, não aceitavam sua beleza natural. Em entrevista ao GShow¹⁷ (FREITAS, 2016), ela disse:

Não digo que vou ser a pessoa mais militante do mundo e nem que em todas as minhas músicas vou falar sobre esse assunto, mas eu sou e vivi isso. Eu sou negra, sou mulher, sou da periferia. Foi tão bom esse 'boom' da internet, das meninas crespas se assumirem crespas e acho lindo quando elas vêm falar que estão passando por essa transição por minha causa.

¹⁶ POPline é um portal de notícias brasileiro voltado à música pop nacional e internacional.

¹⁷ É um portal de entretenimento da Globo.com que traz conteúdo da TV Globo como bastidores da TV, estúdios Globo, receitas, celebridades, web séries produzidas exclusivamente para o site.

Mulher e negra são marcadores identitários que IZA ressalta tanto em sua vida pessoal quanto em suas composições, e assim impõe sua presença na música pop. Em opinião emitida para o site EGO¹⁸, em 2016, ela afirma:

Preciso falar dessas questões porque não estou na frente das câmeras e falando com várias mídias diferentes só para entreter, para divertir... Isso também é bacana, mas tenho uma missão. Tem várias 'minas' negras que queriam estar no meu lugar e carrego elas junto comigo. Também tem a questão da representatividade: é preciso que as pessoas se enxerguem na TV, nas novelas, na música, nos brinquedos que compram.

4 A TRIPLA JORNADA DE UMA MÃE SOLO

Mise-en-scène é uma expressão de origem francesa, que significa o controle da diretora, sendo esta quem escolhe ou não o que está presente em cada cena. O termo na tradução literal remete ao “pôr em cena”, ou seja, abrange os elementos reconhecíveis de um filme, como cenário, iluminação, atrizes, figurinos, decorações e enquadramentos. Por isso, todos os recursos presentes em uma produção audiovisual, fazem sentido se forem vistos em conjunto. Apesar disto, a análise será feita separadamente por um propósito didático.

Dona de Mim é ambientado em diferentes lugares, são eles: uma cozinha de uma casa, uma sala de aula, um tribunal e uma igreja. Cada cena está diretamente relacionada com o tema e as personagens principais do videoclipe. Na cozinha temos uma personagem cozinhando enquanto dá atenção a uma criança sentada em um carrinho de bebe, oferecendo pistas sobre qual história será contada, nesse caso, a de uma mãe solo e a primeira protagonista do videoclipe, objeto de análise deste capítulo.

Enquadramentos, planos, ângulos e movimentos de câmera vão determinar como a espectadora irá perceber e se relacionar com o filme. Essas técnicas audiovisuais são um dos fatores mais importantes para a construção da linguagem cinematográfica, pois servem para transmitir ideias, criar dinamismo e conferir emoção às cenas. O videoclipe começa com IZA em primeiro plano, olhando diretamente para a câmera com um *close-up*¹⁹ em seu rosto. No fundo deste mesmo plano reside uma

¹⁸ EGO foi um site de notícias do portal Globo.com. Foi lançado em 2006 e extinto em 2017.

¹⁹ O foco é dado primeiro nos ombros do personagem e termina em sua cabeça.

mulher com a imagem desfocada, guiando o olhar da espectadora inicialmente para a cantora IZA (Figura 4). Com o corte da próxima cena podemos perceber que a câmera faz o movimento de *tilt*²⁰, revelando a ação da personagem que antes estava ao fundo.

Figura 4 - Plano desfocado ao fundo



Fonte: Youtube (2022)

As narrativas cinematográficas, de modo geral, se referem ao ato de contar uma história, contudo, a narrativa é muito mais complexa. Afinal, quem é a narradora da história? De que maneira a história é apresentada? Quais são seus pontos principais e objetivos? A esse respeito, “o que torna a narrativa tão engenhosa para análise e tão complicada para os cineastas é a complexidade da relação dos elementos narrativos com totalidades da narrativa e a relação deles com o mundo real” (EDGAR-HUNT; MARLAND; RAWLE, 2013, p. 39).

Dentre as várias maneiras de como fazer uma análise cinematográfica, optei neste trabalho pelo método de Gérard Genette, denominado de *Narrative Discourse: An Essay in Method* (1983). Esse método se compõe pela história, narração e texto. Segundo os autores Robert, John e Steven (2013), essa metodologia é a mais abrangente disponível, pois Genette identifica os elementos-chave da narrativa e como a ordem influencia para que a história faça sentido para o público.

²⁰ Movimento da câmera sobre seu próprio eixo na vertical.

A história de uma produção audiovisual, segundo Robert, John e Steven (2013), é o nível primário de qualquer narrativa; é o ponto onde se inicia o significado e se desenvolve o conteúdo. Dentro da história há três particularidades; eventos (acontecimentos), cenário (tempo e local que personagens existem enquanto as coisas acontecem) e personagens (com interações e ações). No entanto, nesta primeira análise irei utilizar apenas os dois primeiros critérios.

Dona de Mim é uma produção audiovisual de curta duração. Por isso, podemos aproximar o videoclipe de um curta metragem. Neste contexto, diferente de um longa-metragem, um curta-metragem apresenta uma dimensão e linguagem específica, pois as histórias precisam ser contadas de forma rápida, clara e concisa. A narrativa da primeira personagem do videoclipe é baseada na história de uma “mãe solo”, cujo termo serve como atualização da expressão “mãe solteira”, limitada porque faz referência à ausência da paternidade na criação das crianças. O enredo inclui uma sucessão de acontecimentos que se conectam com a narrativa: uma mãe solo em tripla jornada, como cuidados com o filho, tarefas do dia-a-dia da casa e rotina de estudos.

O cenário é parte importante da imagem cinematográfica, pois conta parte da história e reforça a narrativa, possibilitando diferentes estímulos e interpretações. Faz parte da composição do cenário a distribuição dos objetos de cena, que nos ajuda a entender o que as personagens estão realizando. No decorrer do videoclipe, a mãe solo aparece na cozinha em um plano médio²¹. A câmera, nesse plano, faz o movimento *travelling*, em que a imagem é deslocada lateralmente da esquerda para a direita. Este movimento transversal é utilizado para revelar outra perspectiva do ambiente da mãe solo. O cenário em questão é um cômodo pequeno, com armários, geladeira, fogão, pia, uma mesa, utensílios para a preparação da comida e alimentos. No *making off* do videoclipe, divulgado pela cantora em 2018, é informado que todas as cenas foram produzidas em ambientes reais, e as cenas com a mãe solo foram gravadas no bairro Barra Funda na cidade de São Paulo.

Em outro corte de câmera no mesmo cômodo (figura 5), vemos outra parte da cozinha que também serve como ambiente para a personagem estudar. É possível notar nessa outra ambientação os móveis e dispositivos antigos, como é o caso da

²¹ A atriz é enquadrada a partir dos joelhos para cima.

tomada de dois pinos chatos. Porém, também identificamos uma geladeira do modelo duplex²², que depende de mais investimento do que uma geladeira de porta única.

Figura 5 - Cômodo cozinha



Fonte: Youtube (2022)

O segundo cenário, como mostra a figura 6, não é identificável. Todavia, a iluminação e o enquadramento utilizados dão sentido à narrativa. A personagem aparece em um plano médio com ângulo de aproximadamente 45 graus, no qual o único feixe de luz é da janela, indicando que é noite. A luz dura define um alto contraste de luz e sombra, fazendo com que esta cena tenha um peso maior, dando um efeito mais dramático. A personagem está segurando seu filho, o que enfatiza a mãe como única responsável pela criança. (Figura 6)

²² Referem-se a geladeiras que possuem duas portas, sendo a parte superior correspondente ao freezer e a outra à área da geladeira.

Figura 6 - Cenário não identificável



Fonte: Youtube (2022)

O último cenário no qual a personagem aparece remete à uma igreja, como revela a figura 7.

Figura 7 - Igreja



Fonte: Youtube (2022)

A mãe solo se encontra com as outras personagens da narrativa nesse cenário enquanto IZA faz uma performance com um coral estilo gospel americano, composto somente por mulheres negras posicionadas atrás da cantora no palco do templo (figura 8). Esse modelo de coral está presente na estética de alguns filmes americanos, como é o caso do filme *Joyful Noise* (Canção do coração) e *Oh Happy*

Day (Mudança de hábito). Todavia, precisaria de uma investigação maior para entender a relação da referência desse modelo de coral com o videoclipe.

Figura 8 - Iza e o coral



Fonte: Youtube (2022)

No *making off* do videoclipe é informado que essa cena foi produzida na Catedral Anglicana em São Paulo. Entretanto, a cena deixa explícito que se trata de um templo. O cenário contém bancos genuflexório, normalmente usados em igrejas onde há o hábito de orar de joelhos. Atrás da cantora IZA e do coral, há vitrais com desenhos compostos por pedaços de vidros coloridos. Com o enquadramento *contra-plongée*²³ (figura 9), a câmera filma o foco principal da cena de baixo para cima, deixando a espectadora abaixo da cantora, engrandecendo-a.

²³ O ângulo da câmera filma de baixo para cima.

Figura 9 - Plano contra-plongée



Fonte: Youtube (2022)

Muitas igrejas costumam ter vitrais ornamentados e elaborados. A presença de velas e flores no cenário também evidencia do que o ambiente se trata. Em dado momento, aparece a sombra de uma cruz na parede, este que é o principal símbolo do cristianismo encontrado em igrejas e templos católicos.

No que se refere à narração, Genette privilegia a análise da narradora, e também do espaço e tempo narrativo. Em *Dona de Mim*, IZA canta ao mesmo tempo que olha para a câmera, diferentemente das outras personagens, que não interagem com a telespectadora. O recurso usado pela cantora é conhecido por quebra da 4ª parede, e quando IZA “quebra” isso, ela retira a barreira imaginária que separa a telespectadora do universo ficcional do videoclipe, tendo como efeito a intensificação da interação entre elas. Em todas as cenas em que IZA divide o quadro com a mãe solo, ela aparenta estar invisível para a personagem, ocupando o lugar de contadora de histórias. Essa técnica, de acordo com a metodologia de Genette, é denominada homodiegético, com o uso de uma narradora-personagem em que há um “narrador ou o exemplo raro de uma personagem falando diretamente com a câmera” (EDGAR-HUNT; MARLAND; RAWLE, 2013, p. 55).

O último método de análise de Gérard é o texto, ou seja, a produção de sentido. Esse critério é dividido em caracterização (traços e atributos), tempo (ordem/duração/frequência) e focalização (quem vê os eventos). Nesta primeira análise optei por considerar apenas o critério da caracterização, um meio pelo qual os autores transmitem informações sobre seus personagens. Para atrair e comover o

público, personagens precisam parecer reais. Os autores conseguem isso fornecendo detalhes que tornam personagens individuais e particulares. Em vídeos de curta duração, as características das personagens não são tão exploradas pela limitação do tempo, porém, conseguimos perceber alguns detalhes da mãe solo. Ela aparece, por exemplo, em sua cozinha com um figurino simples, composto por uma calça jeans e uma camiseta amarela de gola alta. Sua principal característica é a expressão de felicidade em relação ao seu filho, evidenciada pelos frames do videoclipe na figura 10. Porém, também é apresentada sua luta para conciliar a maternidade com as atividades diárias.

Figura 10 - Painel semântico da mãe solo



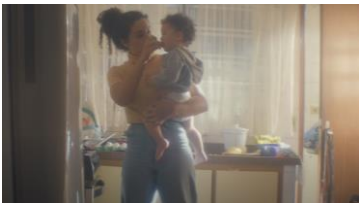




Fonte: Youtube (2022)

Fazer um filme – neste caso um videoclipe – requer atenção ao escolher elementos precisos para cada plano. “A semiótica cinematográfica (o estudo dos signos cinematográficos) reparte o filme em constituintes para identificar as partes a partir das quais a complexidade da narrativa é construída” (EDGAR-HUNT; MARLAND; RAWLE, 2013, p. 18). Desse modo, no contexto do cinema, segundo Robert, John e Steven (2013, p. 18), “um signo é qualquer coisa pequena ou grande, à qual reagimos. Ou seja, algo se torna um signo quando prestamos atenção especial nele”.

Conforme Robert, John e Steven (2013), estes signos podem ser divididos em duas partes: a física e a psicológica. A parte física representa o signo como um objeto, uma coisa tangível que vemos ou ouvimos. A parte psicológica é o signo como conceito, a reação ao objeto, a ideia que é provocada na mente. Em concordância com Hall (2016) sobre o legado de Saussure, o signo pode ser analisado em dois elementos: significante e significado. O significante é a forma pela qual a informação se apresenta, por exemplo, em palavra, imagem ou foto. O significado é o conceito desencadeado a partir dessa informação. Ambos são necessários para produção de sentido, e é a relação entre eles, de acordo com uma determinada cultura, código ou linguagem, que dá base à representação. Os estudos de Saussure sobre os signos na cultura são parte dos estudos semióticos.

Quadro 1 - Signos relevantes (mãe solo)

Cena do videoclipe	Descrição	Parte física/ significante	Parte psicológica/ Significado
	A personagem está na frente do fogão enquanto uma criança está sentada no carrinho de bebê observando-a.	Cômodo, bebê, frigideira, panelas e louças.	A personagem prepara comida na cozinha é sinal de que está perto do horário do almoço. A criança sentada no carrinho de bebê, indica que se trata de seu filho.
	Close-up da personagem fritando dois ovos na frigideira.	Frigideira, ovos, louças e panelas.	Ao fundo, uma pia cheia com louças empilhadas, indica que a personagem pode estar sobrecarregada.
	Plano em que a personagem dá comida para o bebê.	Mãe e filho.	Dois cômodos próximos, a cozinha e a lavanderia, com roupas empilhadas. A cena indica várias tarefas ao mesmo tempo.

	<p>Personagem ergue o bebê.</p>	<p>Mãe, filho e iluminação.</p>	<p>A mãe sorri para o filho, mostrando ali uma felicidade. A iluminação dá um aspecto redentor, e até mesmo aconchegante para essa cena, ainda que retratam os desafios da mãe solo.</p>
	<p>A mãe em sua casa com o filho no colo enquanto lê um livro.</p>	<p>Cômodo, livros, cadernos, folhas e jarra de plástico.</p>	<p>É mostrado outro cômodo da casa: uma espécie de sala de jantar.. A personagem lê um livro com uma caneta na mesma mão, enquanto segura seu filho em seu colo, mostrando a luta ao conciliar a maternidade com suas atividades.</p>

Fonte: Elaboração própria com base em Penafria (2009), Robert, John e Steven (2013) e Hall (2016).

4.1 SENTIDO IDEOLÓGICO

Quando pensamos em maternidade, vem à mente pensamentos automáticos impostos pela nossa cultura e pela maneira como a maioria das mulheres é criada para vivenciar essa experiência única e transformadora. Todavia, há outro lado da maternidade que muitas vezes passa despercebido por quem não passou essa experiência. “Desde muito cedo somos ensinadas que devemos ser mães. Divulgam uma ideia romântica de maternidade e a enfiam goela abaixo, naturalizando esse lugar” (RIBEIRO, 2018, p. 87).

Romantizar a maternidade é enquadrar o papel da mulher em condutas que foram historicamente e culturalmente construídas visando definir a forma como as mulheres/mães devem conduzir-se ao ato de maternas suas crianças. A romantização da maternidade muitas vezes anula as experiências de mulheres que, mesmo amando suas filhas, não apreciam os desafios de maternas. Bia Sabiá interpreta a personagem da mãe solo no videoclipe *Dona de Mim* e, assim como retratado no videoclipe, teve seu filho na adolescência. Apesar de ser uma mãe jovem, não desistiu de ir em busca

dos seus sonhos, mesmo dividindo os afazeres da casa com os cuidados do filho e os estudos.

As mulheres vivem o mundo de maneiras diferentes, mas será que é possível que o fato de ser mãe solo seja uma experiência igualitária? A maternidade para muitas é um período de sacrifícios e dificuldades, principalmente para mulheres negras, pois elas lutam contra um sistema patriarcal, machista e racista. Por “mãe solo” entendemos a mulher que exerce a maternidade sem auxílio do pai. Velasco e Teixeira (2020) apresentam que uma pesquisa divulgada em 2017 pelo IBGE²⁴, apresentou dados de que a maioria das mães solas no país é negra.

A monoparentalidade feminina abrange 11,4 milhões de mulheres no país, sendo que mais de 64% das mães são negras. As famílias de mulheres negras e mães solas enfrentam ainda maiores restrições de condições de moradia, saneamento, trabalho formal, além de ocuparem cargos com menores remunerações. Somadas a essas dificuldades citadas, tais mulheres enfrentam também o preconceito. Conforme o site Geledés²⁵, os dados divulgados pela campanha “SUS Sem Racismo” mostram que as mães negras têm menos acesso a informações sobre amamentação e menos consultas de pré-natal. Para piorar a situação, as crianças negras fazem parte do grupo com maior índice de mortalidade infantil.

As questões sociais, econômicas e culturais são a base para poder entender o fenômeno da monoparentalidade feminina no ambiente familiar e no meio social, assim como as questões de gênero, que mostram que ser mulher, mãe e chefe familiar ainda envolve vários desafios, como direcionar a sua vida social, afetiva e profissional (VERZA *et al.*, 2015 *apud* FERNANDES 2022, p. 28).

A personagem da mãe solo simboliza as mães que historicamente foram impostas pela sociedade a terem o compromisso de cuidar de suas filhas, independentemente da presença do pai. Essa condição patriarcal assola muitos lares e mulheres que assumem sozinhas o papel de cuidado e proteção das crianças, conforme aponta Ribeiro (2018). Ainda nos deparamos com julgamentos em relação às atitudes das mulheres, pois é comum o olhar de julgamento sobre as mães solo, acreditando que essa condição tenha sido resultado de irresponsabilidade por parte

²⁴ Os dados compilados pelo G1 dizem respeito ao estudo “Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil”, divulgado em 2017 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Pesquisa (IBGE).

²⁵ Geledés é um Instituto da Mulher Negra com organização política brasileira de mulheres negras contra o racismo e sexismo.

da mulher, o que não ocorre com o progenitor. Para Fernandes (2022, p. 10), “Muitos destes não podem ser chamados de 'pais' pois, de fato, não exercem tal papel, porém, é comum as pessoas não terem a mesma conduta julgadora para com eles”. A narrativa da personagem no videoclipe *Dona de Mim* é uma realidade muito comum no Brasil, e é retratada no videoclipe apesar das limitações da produção.

5 VOCÊ JÁ TEVE UMA PROFESSORA NEGRA?

Ao finalizar a primeira parte da música, o clipe introduz a segunda personagem, revelada em um plano médio curto²⁶ e um ângulo frontal que valoriza sua expressão de bom humor. O movimento da câmera nesta cena é chamado de *dolly*, no qual ocorre um movimento suave de trás para frente, chamando a atenção da espectadora em relação à protagonista, como é exibido na figura 11.

Figura 11 - Personagem 2



Fonte: Youtube (2022)

Para a análise da professora serão abordados os três elementos que fazem parte da história: os eventos (acontecimentos), o cenário (tempo e local que os personagens existem enquanto as coisas acontecem) e personagens (com interações e ações).

No *making off* do videoclipe (2018), IZA conta que a narrativa da segunda personagem teve a intenção de homenagear a sua mãe que, assim como apresentado no videoclipe, é uma professora negra da rede pública de ensino, escolhida para representar as docentes do país. O enredo é conduzido pela violência e pelas limitações que a educação brasileira acarreta nas escolas, uma realidade nas instituições públicas, principalmente nas periferias do país. O cenário em que a professora e suas alunas residem é o da escola de ensino público Conselheiro Antonio Prado, localizada no bairro Barra Funda, em São Paulo.

²⁶ O enquadramento desse plano vai desde a cabeça da personagem até abaixo de seu peito.

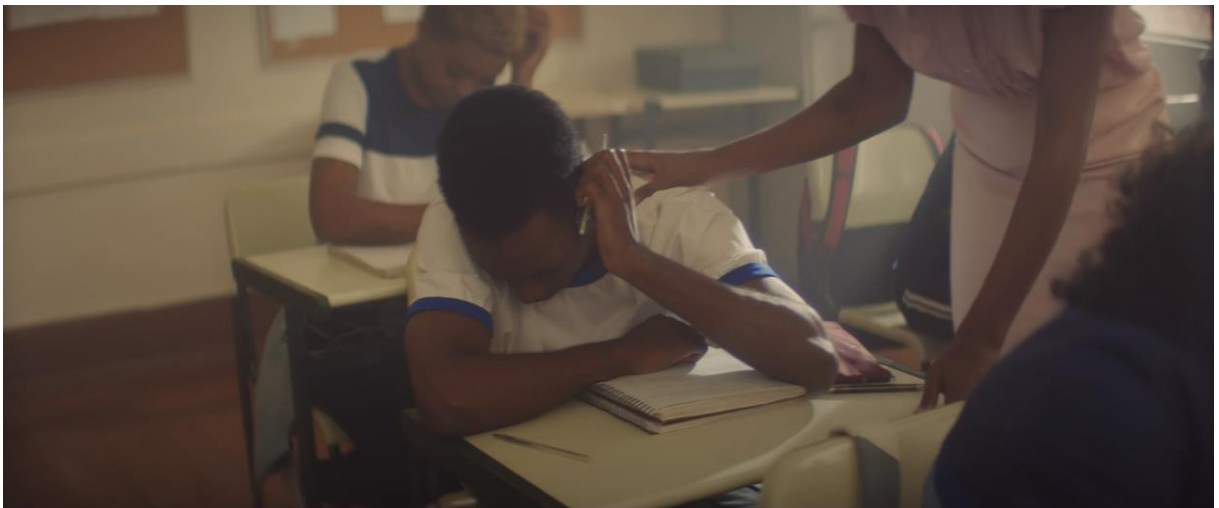
Já nos primeiros segundos em que a professora aparece, é possível identificar uma sala de aula (figura 12) com uma lousa verde, enquanto ela folheia livros com imagens e textos em cima de uma mesa. Com o corte para as próximas cenas, vemos a professora atendendo suas alunas no ângulo lateral (figura 13), *plongée*²⁷ (figura 14) e contra-*plongée*, respectivamente.

Figura 12 - Ângulo lateral



Fonte: Youtube (2022)

Figura 13 - Plongée



Fonte: Youtube (2022)

²⁷ O ângulo da câmera filma de cima para baixo.

No primeiro ângulo a câmera se movimenta lateralmente de maneira suave da esquerda para a direita. Diferente do ângulo frontal, as expressões das personagens em cena são menos evidentes. É um recurso utilizado para mostrar mais de uma personagem no mesmo enquadramento, neste caso, as alunas. No segundo ângulo é utilizado o *Plongée*, servindo para mostrar o status na relação entre professora e aluna. Na sequência, o ângulo contra-*Plongée* – câmera abaixo da linha dos olhos – evidenciando que a professora está disposta a ajudar, com atenção especial a um aluno que aparentemente não se interessa pela aula ministrada. Esse recurso da câmera abaixo da linha dos olhos também remete à cena posterior (figura 14). Nesse cenário podemos observar carteiras escolares, compostas por uma cadeira e uma mesa de superfície plana, geralmente encontradas em escolas. Também possui cortinas longas e brancas cobrindo as janelas pivotantes.

Figura 14 - Contra-plongée



Fonte: Youtube (2022)

O último cenário em que a professora aparece é a igreja (figura 15), em primeiro plano – enquadramento também conhecido como *close-up* – com a câmera bastante próxima da protagonista. Nesse plano o destaque é para a expressão do rosto que, no videoclipe, evidencia a alegria da professora de estar presente na igreja. É este o cenário onde todas as personagens se encontram, mostrando que, de certa forma, todas estiveram e estarão conectadas.

De acordo com Robert, John e Steven (2013, p. 128), “A iluminação é um dos elementos mais importantes da produção de imagens realistas ou não realistas”. Exposto isso, é possível notar a importância da iluminação produzida dentro da igreja

como um recurso de linguagem e produção de sentido dentro da narrativa, visto que diferentes tipos de luzes podem produzir sentido diversos. A luz que ilumina lateralmente a personagem dentro da igreja é uma luz dura, proveniente das janelas que estão ao lado direito. Esse efeito na luz gera uma sombra bem marcada, com um contorno fácil de distinguir, marcando a expressão da professora e destacando seu sorriso.

Figura 15 - Professora na igreja



Fonte: Youtube (2022)

No que se refere aos personagens, é preciso atentar-se para o modo como interagem e desencadeiam ações. Genette (1983) explica que a análise de personagens não é o mesmo que caracterização. Robert, John e Steven (2013, p. 55), nesse sentido, afirmam: “Isso é crucial porque um personagem que não faz muita coisa, ou que não faz o enredo progredir, torna-se parte do cenário”. No caso da professora, a interação ocorre quando na sala de aula há uma pausa da música e é possível ouvir os efeitos sonoros que remetem ao barulho de tiroteio do lado de fora da escola. Durante os tiros, a professora rapidamente balança os braços verticalmente, como uma forma de pedir para que as alunas se abaixem até o chão para a proteção delas (figura 16).

Figura 16 - Tiroteio



Fonte: Youtube (2022)

No momento do tiroteio, a câmera movimenta-se de baixo para cima, da esquerda para direita e da direita para a esquerda, totalmente fora do eixo, desestabilizando a linha de horizonte da espectadora. Essa movimentação faz com que a espectadora se atente ao caos que se instala na sala de aula. Também é possível perceber o desespero das alunas e da professora, com *close-ups* servindo para dar destaque aos sentimentos dos personagens.

No que tange a narração, durante as cenas na sala de aula, enquanto as alunas estão em momento de atividade com o auxílio da professora, IZA aparenta não ser visível para as personagens, confirmando que, apesar de olhar diretamente para a câmera em quase todas as cenas, a cantora não é vista ou ouvida, assumindo o papel de contadora das histórias ou narradora onisciente. IZA caminha pela sala na maioria das vezes em plano americano²⁸, num enquadramento que permite ver outros elementos do cenário (figura 16). Ela, apesar de não ser vista pelas personagens, abraça a professora juntamente com suas alunas na cena do tiroteio em um momento de alta tensão e angústia, quebrando por instantes a imagem de apenas uma narradora.

²⁸ Posicionamento da câmera do joelho até a cabeça.

Figura 17- Iza abraçando os personagens



Fonte: Youtube (2022)

Com relação aos figurinos, a roupa da professora é composta por uma camisa rosa com botões e uma saia da mesma cor que fica abaixo do joelho. As alunas usam uniforme escolar nas cores branco e azul. No videoclipe *Dona de Mim*, a principal característica da professora é o desespero e o medo por conta do barulho dos tiros. De acordo com a Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO), em conformidade com dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PENSE) compilados e publicados em novembro de 2016, mostram que 50,8% das alunas do nono ano do ensino fundamental estão em escolas localizadas em áreas de risco de violência. Isso é reflexo de problemas sociais e da falta de segurança que existe no entorno desses colégios. Essas caracterizações e sentimentos podem ser observados no quadro semântico abaixo, representado pela figura 18.


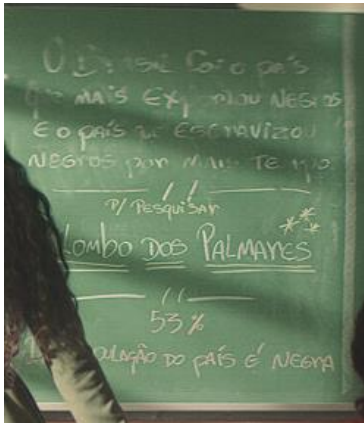

Figura 18 - Painel semântico da professora

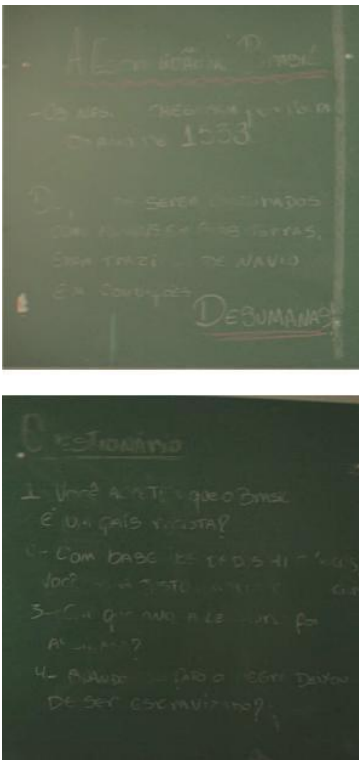


Fonte: Youtube (2022)

Uma característica muito importante apresentada por Hall (2016) a partir do conceito de semiótica é que um signo nunca apresenta um sentido fixo ou essencial, ele pode se alterar de acordo com o contexto e o tempo. *Dona de Mim* representa uma realidade comum, a luta contra o racismo enraizado na sociedade brasileira – que infelizmente é frequente na atualidade e no contexto que envolvem mulheres e homens negros. Os signos presentes nas cenas da segunda protagonista do videoclipe não são diferentes. Assim sendo, foi desenvolvido o quadro 2, abaixo, com o objetivo de descrever os possíveis signos presentes nas cenas em que a professora é a protagonista.

Quadro 2 - Signos relevantes (professora)

Cena do videoclipe	Descrição	Parte física/ significante	Parte psicológica/ Significado
	<p>A professora escreve na lousa com giz enquanto explica algo para suas alunas.</p>	<p>Lousa, atividade, explicação, palavra sendo escrita "Navio tumbeiro".</p>	<p>Pelo teor da escrita revelada nesta cena e nas seguintes, pode-se afirmar que a professora ministra uma aula de história, como o foco no Brasil.</p>
	<p>A cantora IZA canta o refrão enquanto a professora anda pela sala atendendo suas alunas.</p>	<p>Lousa, aula e tarefa de casa.</p>	<p>O texto na lousa faz referência a um dado que diz que o Brasil é o país que mais e por mais tempo exportou e escravizou pessoas negras. Também traz a informação de que no Brasil a população negra chega a 55% de toda a população brasileira. No meio do quadro tem uma tarefa para pesquisar "quilombo dos Palmares".</p>
	<p>A professora tenta proteger suas alunas em meio aos barulhos de tiroteio fora da escola.</p>	<p>Barulho de tiroteio.</p>	<p>Os tiros representam escolas localizadas em áreas de risco de violência, com evidentes dificuldades que interferem na educação.</p>

	<p>A cantora IZA canta enquanto a professora balança os braços para que as alunas se abaixem até o chão por causa do barulho dos tiros.</p>	<p>Barulho de tiroteio e lousa verde ao fundo.</p>	<p>No lado direito da lousa, há um questionário sobre o assunto da aula ministrada pela professora: 1. Você acredita que o Brasil é um país racista? 2. Com base nos dados históricos você acha justo.... (indecifrável) 3. Em que ano a lei áurea foi assinada? 4. Quando de fato o negro deixou de ser escravizado?. No lado esquerdo da lousa há outro texto sobre a população negra no Brasil informando sobre as condições desumanas que existiam no navio quando trouxeram estas pessoas para o país.</p>
--	---	--	---

Fonte: Elaboração própria com base em Penafria (2009), Robert, John e Steven (2013) e Hall (2016).

5.1 SENTIDO IDEOLÓGICO

Josi Lima interpreta a professora no videoclipe *Dona de Mim* e representa desafios enfrentados por docentes, gestoras e alunas em escolas localizadas em áreas violentas em diversas cidades brasileiras. De acordo com Souza *et al.* (2017), em reportagem divulgada pela faculdade FLACSO, estudantes moradores do Complexo do Alemão, na zona norte do Rio de Janeiro, constantemente não vão às escolas porque ficam impedidos em razão da violência na região em que vivem. No início do ano letivo de 2017, cerca de 3.000 discentes que frequentavam a escola no Complexo ficaram sem ir à aula.

Ainda de acordo com o site da FLACSO, segundo pesquisas feitas pela PENSE, 14,8% dos estudantes do nono ano entrevistados faltaram a aula no último mês por conta do medo. Outros 8,6% tinham abandonado a escola pelo mesmo motivo. Além dos responsáveis e estudantes, o clima de violência também afetava o rendimento de docentes das escolas situadas em áreas violentas. “Essa sensação de medo é sempre constante. Já vi professor que teve o carro queimado, invasão de

escola, briga de gangues, aulas suspensas, estudante que entrava armado na sala porque estava ameaçado de morte”, disse um professor de história que lecionava na rede estadual em Diadema do estado de São Paulo e não quis se identificar na entrevista.

Em conformidade com o site Brasil de Fato, a violência ao redor das escolas derivadas de operações policiais fechou 30 escolas municipais na cidade do Rio de Janeiro. Em entrevista concedida pela professora da rede municipal em Vila Aliança, zona oeste do Rio, um dos bairros mais violentos da cidade, ela contou que atua há mais de 10 anos em uma escola da região e nunca deixou de ter medo de ir para a instituição ou estar dentro da unidade:

Nos últimos anos, já tive alunos que não voltaram mais para a escola porque a mãe preferiu deixar o filho dentro de casa ou porque a família saiu às pressas da comunidade. A gente enfrenta o medo por vários poderes de violência, como o tráfico e a milícia, e por poderes de segurança, mas que são violentos, como é o caso de alguns policiais.

Os estudantes que aparecem no videoclipe *Dona de Mim*, em sua maioria são negras, e essa diferença étnico-racial não é uma coincidência em escolas frequentemente expostas a violências, dado que, segundo a CNN Brasil²⁹, quanto maior a frequência de tiroteios nos arredores de uma escola, maior a quantidade de estudantes nesta instituição. Segundo Davis (2016), a educação sempre foi uma prioridade para a luta do movimento negro que, após séculos de privação educacional, reivindicaram seu direito à educação. Em suas palavras, “na realidade, é claro, a população negra sempre demonstrou uma impaciência feroz no que se refere à aquisição de educação” (DAVIS, 2016, p. 118).

Apesar disso, as desigualdades raciais entre pessoas brancas e negras se perpetuam na educação básica. De acordo com dados organizados pelo *Todos Pela Educação*, professoras brancas concentram os melhores indicadores educacionais, têm uma presença maior na frequência escolar e saem melhor nas avaliações pedagógicas. Pessoas pretas e pardas têm acesso a escolas com piores infraestruturas e, estatisticamente, vêm de famílias mais vulneráveis, que possuem índices menores em comparação com as pessoas brancas. Para o movimento, esses

²⁹ *Cable News Network*, que em português significa “Rede de Notícias a Cabo”, um canal de notícias disponível na televisão por assinatura e com programação inteiramente voltada ao jornalismo.

dados são resultado de oportunidades desiguais e da ausência de políticas educacionais que promovam a equidade no ensino.

Todas essas desigualdades, durante a formação escolar, refletem a escassa presença de pessoas negras na comunidade acadêmica. Quantas professoras negras você já teve ao longo da vida? O racismo fere diariamente, e quando as opressões de gênero e raça se intersectam, as mulheres negras são as mais afetadas:

Aquelas que possuem uma trajetória escolar, para conseguir sucesso profissional, têm que se mostrar mais competentes do que as brancas, mesmo possuindo igual nível de escolaridade e de qualificação profissional. As que conquistam melhores postos no mercado de trabalho geralmente dependem uma força muito maior que outros setores da sociedade (SILVA, 2009, p. 60).

Em concordância com Silva (2009), as professoras negras veem a representatividade racial cair conforme aumenta o grau de escolaridade dessas docentes. Essa desigualdade aponta a falta de oportunidade pela qual têm passado essas professoras para acessar o ensino superior. A esse respeito, bell hooks chama a atenção para a invisibilidade e os obstáculos encontrados por mulheres negras no mundo acadêmico. Tanto hooks (1995) quanto González (1984) contrapõem como os estereótipos racistas influenciam na construção do imaginário social sobre mulheres negras, fazendo com que sejam sexualizadas e colocadas apenas no lugar de “cuidadoras”, deslegitimando-as, portanto, como intelectuais:

A socialização sexista inicial que ensina as negras e na verdade a maioria das mulheres que o trabalho mental tem de ser sempre secundária aos afazeres domésticas ao cuidado dos filhos ou a um monte de outras atividades servis tornou difícil para elas fazer do trabalho intelectual uma prioridade essencial mesmo quando suas circunstâncias sociais ofereciam de fato recompensas por essa atividade (HOOKS, 1995, p. 471).

Assim, se constrói nesse imaginário uma interdição da intelectualidade das mulheres negras, as quais eram constantemente vistas em termos sexistas, racistas e classistas.

6 MACHISMO E RACISMO NO SISTEMA JUDICIÁRIO BRASILEIRO

Na terceira história do videoclipe conhecemos as últimas protagonistas, a advogada e a ré, analisadas neste capítulo em conjunto. Já no começo do videoclipe a advogada aparece em um plano médio (figura 19) portando vários documentos em uma pasta exibida em plano detalhe³⁰. Os documentos são postos numa pia ao lado de um copo de plástico descartável contendo café preto.

Figura 19 - Personagem 3



Fonte: Youtube (2022)

Em diálogo com Genette (1983) a análise da advogada e da ré será feita a partir de três elementos: eventos, cenário (tempo e local que os personagens existem enquanto as coisas acontecem) e personagens (com interações e ações).

A narrativa da terceira personagem no videoclipe é a de uma advogada que defende no tribunal uma mulher negra julgada por um júri composto somente por homens brancos. O enredo é guiado pela advogada fazendo a defesa de sua cliente em um ambiente sem representatividade de gênero ou raça. Em vários *close-ups* postos em sequência, focando no olhar confiante da personagem que aparentemente está olhando para um espelho (figura 20), a advogada aparece se arrumando para entrar no tribunal.

³⁰ Ainda mais próximo que o *close-up*, o plano detalhe serve para dar foco a algum objeto ou ação.

Figura 20 - Advogada se olhando no espelho



Fonte: Youtube (2022)

Com o corte para a próxima cena, é exibido o cenário do tribunal (figura 21) em plano geral³¹ e com o enquadramento aberto, mostrando o ambiente em que se encontram as personagens. O *dolly* é o movimento da câmera usado nesta cena, que se define por ser um movimento suave de frente para trás, responsável por criar tensão no ambiente de julgamento que a advogada está se preparando para entrar.

³¹ Consegue mostrar tanto o cenário em que se passa a cena, como também o corpo inteiro dos personagens.

Figura 21 - Tribunal

Fonte: Youtube (2022)

De acordo com o *making off* do videoclipe (2018), o cenário em questão foi filmado na Secretaria da Cultura na cidade de São Paulo. Neste cenário podemos observar janelas grandes com persianas entreabertas, mesa e cadeiras de madeira. Há, entretanto, uma única cadeira separada das demais, o que nos leva a pressupor que a cadeira separada é a ré, pois ela se destaca entre o juiz que é o único que tem uma mesa individual e o júri do lado direito da imagem. É curioso notar que os planos de câmera em que a ré e a advogada aparecem são majoritariamente planos fechados, ou seja, *close-ups*, cortando totalmente o ambiente ao redor, se concentrando nas expressões faciais das personagens ou direcionando a atenção da espectadora para algum detalhe relevante da cena.

Como um recurso narrativo, os *close-ups* são importantes para agregar impacto dramático à cena. Exemplo disso é o plano detalhe que mostra as mãos inquietas da ré e onde percebe-se que estão algemadas. (Figura 22)

Figura 22 - Réu com as algemas



Fonte: Youtube (2022)

O último cenário que a advogada surge é a igreja, local onde todas as protagonistas do videoclipe se encontram. A advogada é mostrada primeiramente no ângulo lateral, com a personagem de perfil e uma luz dura, gerando uma sombra bem marcada que destaca sua expressão. Nesta cena, assim como em todas as outras que ocorrem dentro da igreja, a iluminação é um elemento muito importante. Mais adiante, a personagem é filmada em *close-up* (figura 23), evidenciando sua alegria em estar ali presente na igreja. Atrás da personagem estão vitrais coloridos e um pouco do que parece ser o segundo andar da igreja.

Figura 23 - Advogada na igreja



Fonte: Youtube (2022)

A interação da ré com a advogada ocorre quando esta segunda faz a sua defesa diante dos presentes. Nesse momento, elas se entreolham, expressando firmeza e união. Geralmente essa interação ocorre em plano médio curto, mostrando a advogada da cintura para cima e chamando a atenção aos seus gestos articulados com palavras ditas ao juiz. Além do plano médio curto e os *close-ups*, emerge um novo plano para evidenciar essa interação, o *over the shoulder* (figura 24), que traduzido para o português significa “por cima dos ombros”.

Figura 24 - Plano *Over the Shoulder*



Fonte: Youtube (2022)

O *over the shoulder* é um plano que posiciona duas personagens – uma de frente para outra – numa cena, de modo que uma fique de costas para a câmera (fora de foco) enquanto a outra fica evidente. Desse modo a câmera fica por cima dos ombros da personagem que está de costas. Esse plano, assim como revela a interação entre as duas personagens, também demonstra empatia por parte da telespectadora que assiste, pois faz com que ela se sinta parte da ação.

Outra relação entre personagens é da advogada com o juiz, apresentado em um plano médio curto com a câmera se movimentando em *dolly*, da esquerda para a direita (figura 25). O ângulo nessa cena está suavemente em *contra-plongée*, abaixo do nível dos olhos da espectadora, expondo uma sensação de superioridade, “câmeras baixas geralmente indicam um sujeito poderoso que se agiganta sobre nós” (EDGAR-HUNT; MARLAND; RAWLE, 2013, p. 122). Nesse caso, foi um recurso

utilizado para narrar o status na relação entre juiz diante da advogada e da ré, uma vez que é dever dele julgar as causas que lhe são apresentadas em juízo.

Figura 25 - Juiz



Fonte: Youtube (2022)

No plano detalhe que mostra o fragmento do martelo batendo usado pelo juiz, podemos associar esse movimento ao ganho de causa. Juízas usam o martelo para pedir ordem na sessão ou para dar o veredicto final de um julgamento. Em conformidade com a revista brasileira de divulgação científica *Superinteressante*, no Brasil existem poucas audiências em tribunais que utilizam o martelo, sendo o mais comum nessas seções uma campainha. No corte da cena posterior em que o cenário do júri é exibido, as mulheres se entreolham e a ré sorri para a advogada, indicando que a defesa foi satisfatória mesmo quando a tensão criada por meio dos recursos audiovisuais como os planos, ângulos e movimentos de câmera levaram a acreditar que não.

Durante as cenas do julgamento, IZA aparece sentada no júri como se estivesse narrando e observando aquele episódio. A cantora veste uma roupa inteira branca, se destacando no meio dos jurados, pois representa a única mulher negra em meio ao júri composto somente por homens brancos. Os planos usados nestas cenas são quase sempre em plano geral, onde conseguimos ver os corpos inteiros das personagens ali presentes.

O último método de análise de Gérard é a produção de sentido, que engloba a caracterização, traços e atributos que ajudam as personagens a se tornarem reais

para o público, conforme posto por Robert, John e Steven (2013). As cores carregam vários significados em vários campos da comunicação audiovisual, principalmente “quando ligada à construção do personagem, o uso pensado das cores se dá principalmente partir do figurino, que seria basicamente a caracterização do personagem baseado no vestuário real, na indumentária propriamente dita” (STAMATO; STAFFA; VON ZEIDLER, 2013, p. 8).

Em *Dona de Mim*, a advogada se destaca diante das outras personagens com uma roupa inteira verde e sapatos de salto brancos. Como informa Stamato *et al.* (2013), a cor verde pode significar esperança, calma e coragem. A ré usa roupas em tons marrons – como sua blusa de lã e sua saia abaixo do joelho – a fim de demonstrar a melancolia ostentada na personagem. Seguindo essa mesma lógica, os homens dos júris são retratados em tons marrons, vestindo figurinos formais compostos por terno, colete, gravata e calça. O vestuário do juiz consiste em uma roupa preta, traje nomeado como toga. A principal característica das personagens desta terceira narrativa é o sentimento de solidariedade e cumplicidade diante da defesa que a advogada faz em meio a um sistema judiciário composto por hegemonias, como é apresentado na figura 26.




Figura 26 - Painel semântico da advogada e da ré



Fonte: Youtube (2022)

De acordo com Robert, John e Steven (2013, p. 18), “um signo é um objeto, qualidade ou evento cuja presença ou ocorrência indica a possível presença ou ocorrência de outra coisa”. Segundo a metodologia de Robert, John e Steven (2013), os signos podem ser divididos em duas partes: a física (algo tangível que vemos ou ouvimos) e a psicológica (a reação ao objeto, a ideia que é provocada na mente). Em diálogo com os autores foi elaborado o quadro 3, cujo objetivo é o de refletir sobre possíveis signos presentes nas cenas da personagem da advogada e da ré.

Quadro 3 - Signos relevantes (advogada e ré)

Cena do videoclipe	Descrição	Parte física/ significante	Parte psicológica/ Significado
	<p>A ré aparece sentada na cadeira aguardando seu julgamento.</p>	<p>Algemas.</p>	<p>De acordo com o site da câmara dos deputados (2020), o uso das algemas se faz em casos de resistência do preso ou de terceiros e de fundado receio de fuga ou de perigo à integridade física própria ou alheia, sendo justificado por escrito.</p>
	<p>A advogada e a ré se olham e trocam sorrisos entre si.</p>	<p>Sorrisos.</p>	<p>As expressões faciais que alternam as cenas da advogada e da ré expressam sentimento de parceria e cumplicidade.</p>
	<p>A câmara passa em plano fechado pelos jurados.</p>	<p>Júri, homens e semblantes sérios.</p>	<p>Sistema judiciário composto somente por homens brancos, sem nenhuma participação feminina ou representatividade não branca.</p>

Fonte: Elaboração própria com base em Penafria (2009), Robert, John e Steven (2013) e Hall (2016)

6.1 SENTIDO IDEOLÓGICO

A terceira narrativa do videoclipe *Dona de Mim*, como falado, se passa em um tribunal no qual temos uma advogada interpretada por Marcella Maia, que defende sua cliente, uma mulher negra julgada por um júri dominado por homens brancos, uma referência ao racismo e machismo presentes no país. Conforme divulgado no site da câmara dos deputados (2022), em conformidade com os dados do Conselho Nacional de Justiça – CNJ de 2019, mulheres representam apenas 38% das juízas de primeira instância e menos de 25% das juízas de segunda instância, por mais que atualmente o Brasil tenha 649 mil mulheres em contraposição a 631 mil homens registrados pela Ordem dos Advogados do Brasil (OAB). Ao analisar a representatividade de pessoas trans, esses números são ainda mais escassos. Conforme a estimativa da seccional goiana da Ordem, publicada pelo jornal brasileiro *Correio Braziliense*, o número de profissionais transexuais no Brasil é em torno de 100 a 150 advogadas.

Marcelise Azevedo, representante da Associação Brasileira de Juízes pela Democracia, afirmou que conforme exposto no site da câmara, o sistema de justiça só vai representar a população brasileira quando mulheres e pessoas não brancas estiverem em igualdade nos espaços de poder e decisão. Em suas palavras, "a construção de um sistema de justiça justo e democrático passa necessariamente pelo afastamento das históricas desigualdades que formaram a sociedade em que a gente vive". Ela ainda defendeu o combate ao machismo, ao patriarcado, à misoginia e ao racismo no Judiciário. Sobre a diferença étnico-racial no sistema de justiça brasileiro, a deputada Vivi Reais, em entrevista divulgada em julho de 2022 pelo site da câmara, afirmou que "se consideramos esses dados sob o ponto de vista da diversidade racial, observamos um quadro ainda mais desigual, marcado pelo desequilíbrio profundo acerca da participação de pessoas negras em tais posições".

No videoclipe *Dona de Mim*, a ré, representada por uma mulher negra, está claramente intimidada e nervosa, e essa aflição não é à toa, visto que, de acordo a pesquisa "A aplicação de penas e medidas alternativas no Brasil" divulgada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), o rigor da Justiça Criminal com as pessoas negras é maior do que com pessoas brancas, que têm mais direito a penas alternativas. Segundo a mesma pesquisa, enquanto 41,9% dos acusados em varas criminais são pessoas brancas, 57,6% são negras. Contudo, nos juizados especiais

que analisam casos de menor potencial ofensivo 52,6% das rés eram pessoas brancas e 46,2%, negras.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho busquei refletir e analisar como as pautas do feminismo negro e as vivências de mulheres negras estão representadas dentro das três narrativas expostas na produção audiovisual do gênero videoclipe. Para esta análise, foi escolhido o videoclipe *Dona de Mim*, da cantora Isabela Lima, mulher negra e feminista são características que IZA faz questão de ressaltar tanto em sua vida pessoal quanto em suas composições.

Para a estruturação deste trabalho, a análise foi dividida em duas partes. Inicialmente foi feita uma análise bibliográfica sobre o movimento feminista, e a partir disso foi explicado o surgimento do feminismo negro no Brasil. Para essa análise, destacaram-se como autoras fundamentais Carla Akotirene, bell hooks, Djamila Ribeiro, Lélia Gonzalez, Ceila Almeida, dentre outras. Posteriormente foi descrito brevemente sobre a vida da cantora IZA, mapeando suas referências, motivações e sua trajetória profissional.

Por fim, com o objetivo de compreender melhor as personagens e as narrativas presentes na produção audiovisual, foi feita uma decomposição do videoclipe, sendo possível visualizar e compreender como foi estruturado o enredo para, posteriormente, analisar as cenas principais e suas representações. Para tanto, foi utilizada a abordagem dos componentes visuais de Manuela Penafria, da linguagem cinematográfica dos autores Robert, John e Steven e estudos de Saussure sobre os signos explicados por Stuart Hall.

No âmbito da discussão sobre o feminismo negro, considerei os estudos sobre interseccionalidade, que permitiram compreender como se relacionam diversos sistemas de opressão e discriminações envolvendo raça, gênero e classe. O surgimento do feminismo negro se deu por militantes negras que inicialmente não eram identificadas como feministas, isso porque não conseguiam se sentir representadas pelo movimento feminista na época, formado majoritariamente por mulheres brancas, e o próprio movimento negro, que impedia as ativistas negras de ocuparem posições de igualdade junto aos homens negros. Sendo assim, o feminismo negro pode ser definido como um movimento social criado por mulheres negras, com o objetivo de promover a visibilidade às suas pautas e reivindicar seus direitos. A partir desse entendimento e das metodologias apresentadas, foi possível visualizar e compreender a construção do enredo do videoclipe, bem como a dupla opressão – de

gênero e de raça – está presente dentro da narrativa observada no videoclipe em questão.

O primeiro capítulo analisou a história de uma jovem mãe solo. Percebemos que a personagem se desdobra para conciliar trabalho, educação, cuidado com a criança e demais aspectos de sua vida social. Como a atividade de cuidar das crianças historicamente é atribuída à mulher, sobretudo na tradicional sociedade brasileira, isso pode agravar a participação dos progenitores na vida da criança. A ambientação, os cortes de câmera e o cenário reforçam a crítica construída no videoclipe, como por exemplo, as louças empilhadas, roupas em cima da máquina e a cena seguinte na qual a mãe solo está sentada lendo alguns livros enquanto cuida do seu filho ao mesmo tempo. Nessas cenas fica evidente que a personagem mãe solo luta ao conciliar a maternidade com suas atividades.

Há um pensamento patriarcal dominante na sociedade que critica a maternagem solo e os lares chefiados por mulheres, pois isso resultaria em crianças não saudáveis, ou ainda há discursos que afirmam que as mães solas não seriam capazes de criar um homem patriarcal, e então insinua que caso essas famílias tivessem um homem dentro do ambiente, esse problema seria resolvido (hooks, 2020). A mulher carrega o peso de ter o compromisso de cuidar das crianças, e em cima delas está a materialidade do machismo. “Por trás de uma mãe que aguenta tudo há uma mulher que desistiu de muita coisa e um pai ausente desculpado pelo patriarcado” (RIBEIRO, 2018, p. 87).

Posteriormente, foi analisada a segunda personagem, que representa uma professora negra da rede pública. A pausa na música durante a cena do tiroteio na sala de aula reforça a violência que essas escolas sofrem. A análise realizada na ambientação e nas informações dispostas na lousa verde indica que a professora ministra uma aula de história do Brasil. Os signos presentes na narrativa da segunda personagem fazem referência à escravidão negra no Brasil, ao quilombo do Palmares e à porcentagem da população negra no país, chegando a 55%.

Historicamente, a sociedade coloca a mulher em um papel inferior ao homem, remetendo o gênero feminino às tarefas de casa e à função reprodutiva. Contudo, quando somamos essas distinções à questão étnico-racial, reflete nas maiores dificuldades para as mulheres negras que vivenciam essa dupla discriminação. Sobre a atuação dessas mulheres na educação, as diferenças entre gênero e as questões étnico-raciais continuam altas em relação às mulheres brancas, “isso significa que a

condição de gênero, raça e profissão da mulher negra e professora a expõe a uma série de preconceitos e discriminações que a coloca em uma situação de desvantagem” (SILVA, 2009, p. 64). É possível identificar as diferentes trajetórias entre a população branca e a população negra desde a creche até a conclusão do ensino médio, resultado de oportunidades desiguais. A luta por receber instrução acadêmica sempre foi, para o povo negro, parte de sua batalha coletiva por liberdade. Ainda assim, a escravidão e as suas consequências são perceptíveis mais de 130 anos depois.

Por fim, foi feita uma análise em conjunto das duas protagonistas, a advogada e a ré, que encerram a terceira narrativa do videoclipe. O enredo dessa última análise é voltado à ré negra que é defendida pela advogada em um tribunal formado por homens brancos, sem representatividade de raça ou gênero. Os *close-ups* são importantes para dar sentido à essa narrativa, pois este recurso possibilita uma visão com a câmera bastante próxima da cena ou dos próprios sentimentos das personagens, construindo tensão na espectadora. As expressões faciais da advogada e da ré que se entrelaçam expressam sentimento de união, luta e solidariedade.

Existem desigualdades de gênero e raça culturais sobre a atuação feminina em segmentos como educação, tecnologia, direito, etc. Segundo Alessandra e Edviges (2022), a pesquisa "Diagnóstico da participação feminina no Poder Judiciário", realizada pelo conselho nacional de justiça (CNJ), levantou dados sobre a participação feminina em 68 tribunais entre os anos de 2009 e 2018, cujos resultados foram preocupantes. As autoras concluem que a partir desses dados, a reprodução de estruturas patriarcais dificulta o acesso das mulheres a cargos mais altos, como os de desembargadoras e ministras. Diante do estudo, é possível observar que o judiciário brasileiro é formado majoritariamente por homens brancos, sendo só 23% autodeclarados pardos e sem nenhuma representação da população indígena.

A ré, no videoclipe *Dona de Mim*, é representada por uma mulher negra. E em conformidade com o G1, há uma forte desigualdade racial no sistema prisional brasileiro com uma maior severidade de tratamento e de punições direcionadas às pessoas negras, “em 15 anos, a proporção de negros no sistema carcerário cresceu 14%, enquanto a de brancos diminuiu 19%. Hoje, de cada três presos, dois são negros”, de acordo com dados divulgados pelo Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2020). Em concordância com a pesquisadora Juliana Borges (2019), essa desigualdade tem um ponto de vista histórico, associado diretamente ao racismo, pois

há uma ligação com essas pressões da população negra no Brasil ao antigo sistema escravocrata. Juliana explica que para mulheres, esse aumento do sistema carcerário não é diferente, “apontando ainda mais a necessidade e a emergência do feminismo interseccional na luta por transformações sociais radicais e profundas” (BORGES, 2019, p. 61).

Tendo em vista a análise dos componentes visuais e da linguagem cinematográfica, é possível notar as interpretações do movimento feminista negro na produção audiovisual *Dona de Mim*. A ambientação, figurinos, cenários, enquadramentos, movimentos de câmera e iluminação reforçam a crítica construída no videoclipe sobre a dupla discriminação de gênero e raça que interfere no cotidiano em que as personagens estão inseridas, usando histórias inspiradas em fatos reais. As três narrativas são bem representadas apesar das limitações de um videoclipe, afinal, uma produção com tão pouco tempo não conseguiria abordar todo o histórico e a luta do movimento feminista negro.

Ainda assim, alguns detalhes pontuais merecem atenção. A maioria dos profissionais da produção audiovisual *Dona de Mim* são homens e mulheres brancas, com pouca representatividade de pessoas negras. É preciso ter um olhar crítico sobre tudo que é consumido e o videoclipe é um produto comercial com estratégias mercadológicas. Posto isto, percebemos que IZA e os diretores deixam claro em algumas cenas as inspirações da estética norte-americana na construção do clipe, contudo, precisaríamos de uma investigação maior para entender essas relações. Como confirma Ribeiro (2018), o empoderamento não pode ser entendido como algo individual, e quando uma mulher se empodera, ela empodera outras. A partir do momento que IZA produz músicas politizadas, mesmo que com pontos a melhorar, fortalece a reflexão sobre os temas tanto para o seu público, quanto para outras artistas que, encorajadas, podem se posicionar também.

Para pesquisas futuras, ressalto que é importante investigar em profundidade como a indústria musical interfere na criação do videoclipe e na coerência dos temas tratados nos videoclipes da cantora IZA com a sua visão sócio-política pessoal. O desejo de abordar uma temática ampla e complexa como o movimento feminista negro indica a necessidade de estudos que vão para além do que me propus a desenvolver nesta monografia. Por fim, como já mencionado no começo deste trabalho, considere o atual contexto sócio-político ao escolher desenvolver um trabalho de conclusão de curso que tratasse de raça e gênero, sendo assim, espero colaborar com a rede de

pesquisas sobre mulheres negras a partir do contexto acadêmico e, sobretudo, da militância que me cabe.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA ESTADO. Pela primeira vez, advogada trans será presidente de comissão da OAB. In **Correio Braziliense**, 11 jun. 2021 (online). Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/politica/2021/06/4930696-pela-primeira-vez-advogada-trans-sera-presidente-de-comissao-da-oab.html>. Acesso em 12 nov. 2022.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen Livros, 2018.

ALMEIDA, Ceila Sales de. Feminismo negro: a luta por reconhecimento da mulher negra no Brasil. 2016. 114f. Dissertação (Mestrado em Direitos e Garantias Fundamentais) – Faculdade de Direito de Vitória, Espírito Santo, 2016.

BORGES, Juliana. Encarceramento em massa. In RIBEIRO, Djamila (Org). **Feminismos plurais**. São Paulo: Sueli Carneiro Pólen, 2019.

BRASIL. Câmara dos Deputados. Advogadas e juízas defendem maior presença de mulheres no Judiciário In **Câmara dos Deputados**, 01 jun. 2022 (online). Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/882503-advogadas-e-juizas-defendem-maior-presenca-de-mulheres-no-judiciario/>. Acesso em 10 nov. 2022.

BRASIL. Câmara dos Deputados. Comissão debate paridade entre homens e mulheres no Judiciário In: **Agência Câmara de Notícias**, 2022 (online). Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/880815-comissao-debate-paridade-entre-homens-e-mulheres-no-judiciario/>. Acesso 12 nov. 2022.

BRASIL. **Projeto de Lei n. 3622/20**. Portal Câmara de Notícias. Brasil: 2022.

BRITO, Aline. Solidão da mulher negra: especialistas explicam significado e origem do termo. In **Correio Braziliense**, 2 fev. 2022 (online). Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/brasil/2022/02/4981960-solidao-da-mulher-negra-especialistas-explicam-significado-e-origem-do-termo.html>. Acesso em 12 nov. 2022.

CORSINI, Iuri. Estudo mostra que operações policiais afetaram diretamente 74% das escolas do Rio. In **CNN Brasil**, 7 fev. 2022 (online). Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/estudo-mostra-que-operacoes-policiais-afetaram-diretamente-74-das-escolas-do-rio/>. Acesso em 12 nov. 2022.

DAVIS, A. Y. **Mulheres, cultura e política**. São Paulo: Boitempo; 2017.

DAVIS, A. Y. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2017.

FELGUEIRAS, Ana Cláudia M. L. Breve Panorama Histórico do Movimento Feminista Brasileiro. Das Sufragistas ao Ciberfeminismo. **Revista Digital Simonsen**, n. 6, 2017. ISSN:2446-5941

FERNANDES, Priscila da Silva. **Família monoparental feminina: desafios de ser mãe solo**. 2022. 53f. Dissertação (Mestrado em Educação Sexual) – Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista – UNESP, Araraquara, São Paulo, 2022.

FREITAS, Maria Eduarda. IZA defende empoderamento: ‘Sou negra, sou mulher, sou da periferia’. In **GShow**, 21 nov. 2016 (online). Disponível em: <https://gshow.globo.com/Bastidores/noticia/iza-defende-empoderamento-sou-negra-sou-mulher-sou-da-periferia.ghtml>. Acesso em 12 nov. 2022.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro latino americano**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Rev. Ciênc. Soc. Hoje**, Anpocs, p. 223-44, 1984.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016.

HOOKS, bell. Intelectuais Negras. **Revista de Estudos Feministas**, v. 3, n. 2, p.464-478, 1995.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 14. ed. Rio de Janeiro: Rosa Dos Tempos, 2020.

HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019.

HUNT, Robert Edgar; MARLAND, John; RAWLE, Steven. **A linguagem do cinema**. 1ª. ed. Porto Seguro: Bookman, 2013. 98 p. ISBN 978-8582600368.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA – IPEA. **A Aplicação de Penas e Medidas Alternativas**. Relatório de Pesquisa. Rio de Janeiro: IPEA, 2015.

IZA. Dona de mim. Youtube, 28 de set. de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FnGfgb_YNE8>. Acesso em 6 mar. 2022.

IZA. Dona de mim | Mulheres Que Inspiram. Youtube, 28 de set. de 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NtizWlt1X-Q&t=307s>>. Acesso em 6 mar. 2022.

LIMA, Juliana Domingos de. Feminismo: origens, conquistas e desafios no século 21. In **Nexo Jornal**, 7 mar. 2020 (online). Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/explicado/2020/03/07/Feminismo-origens-conquistas-e-desafios-no-s%C3%A9culo-21>. Acesso em 12 nov. 2022.

MIRANDA, Eduardo. Operações policiais: na última semana, violência fechou mais de 30 escolas municipais do Rio. In **Brasil de Fato**, 18 mai. 2022 (online). Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/05/18/operacoes-policiais-na-ultima-semana-violencia-fechou-mais-de-30-escolas-municipais-do-rio>. Acesso em 12 nov. 2022.

MORENO, Ana. Negros representam apenas 16% dos professores universitários. In: **G1**, 20 nov. 2018 (online). Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/guia-de-carreiras/noticia/2018/11/20/negros-representam-apenas-16-dos-professores-universitarios.ghtml>. Acesso em: 2 nov. 2021.

NASCIMENTO, Jéssica. **Feminismo, ativismo e música**. 2018. 39f. Monografia (Licenciada em Música) - Universidade Federal do Ceará, Sobral, 2018.

OLIVEIRA, Luciana. Associação aponta que 175 pessoas transexuais foram mortas no Brasil em 2020 e denuncia subnotificação. In: **G1**, 29 jan. 2021 (online). Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/01/29/associacao-aponta-que-175-pessoas-transexuais-foram-mortas-no-brasil-em-2020-e-denuncia-subnotificacao.ghtml>. Acesso em: 2 nov. 2021.

PENAFRIA, Manuela. Análise de Filmes – conceitos e metodologia(s). Lisboa, Portugal. **VI Congresso SOPCOM**, 2009.

PORTAL GELEDÉS. Maternidade e racismo: a exclusão das mães negras. In **Portal Geledés**, 7 mai. 2015 (online). Disponível em: <https://www.geledes.org.br/maternidade-e-racismo-a-exclusao-das-maes-negras/>. Acesso em 12 set. 2022.

RIBEIRO, Djamila. Feminismo negro: para além de um discurso identitário. In Revista Cult, 9 jun. 2017 (online). Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/feminismo-negro-para-alem-de-um-discurso-identitario/>. Acesso em 12 set. 2022.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: A Letramento, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?**. 1ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SILVA, C. M. da. **Professoras negras: construindo identidades e práticas de enfrentamento do racismo no espaço escolar**. 2009. 163f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco. Pernambuco, Recife, 2009.

SOARES, Thiago. **A construção imagética dos videoclipes: Canção, gêneros e performance na análise de audiovisuais da cultura mediática**. 2009. 303f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

SOUZA, Marcelle; ADAILTON, Franco; LINCOLN JR., Ronald. Briga, tiros e medo: 50% dos brasileiros dizem estudar em áreas violentas. In **Flacso Brasil**, 17 fev. 2017 (online). Disponível em: <https://flacso.org.br/2017/02/17/briga-tiros-e-medo-50-dos-brasileiros-dizem-estudar-em-areas-violentas/>. Acesso em 12 nov. 2022.

SOUZA, Nádia. **Ação Política em Videoclipes: Madonna, System of a Down e a Guerra do Iraque**. 2013. Monografia (Bacharel em Comunicação Social) - Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

STAMATO, Ana Beatriz T.; STAFFA, Gabriela.; VON ZEIDLER, Júlia P. A influência das cores na construção audiovisual. In: **XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste** – Bauru – SP, 2013.

TORRES, Leonardo. Entrevista: IZA responde tudo sobre o álbum 'Dona de Mim', com músicas apimentadas. In POPLINE, 26 abri. 2018 (online). Disponível em: <https://portalpopline.com.br/entrevista-iza-responde-tudo-sobre-o-album-dona-de-mim-com-musicas-apimentadas/>. Acesso em 12 nov. 2022.

VELASCO, C.; TEIXEIRA, M. Mães negras e solteiras sofrem mais com falta de saneamento e carências nas casas. In **G1**, 6 jun. 2020 (online). Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/03/06/maes-negras-e-solteiras-sofrem-mais-com-falta-de-saneamento-e-carencias-nas-casas.ghtml>. Acesso em 10 set. 2022.

WARNER MUSIC BRASIL. Dona de mim | Making Of. Youtube, 28 de set. de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_T-f-zprsa4&t=11s>. Acesso em 6 mar. 2022.

ANEXO A – LETRA DA MÚSICA *DONA DE MIM*

Já me perdi tentando me encontrar
Já fui embora querendo nem voltar
Penso duas vezes antes de falar
Porque a vida é louca, mano, a vida é louca

Sempre fiquei quieta, agora vou falar
Se você tem boca, aprende a usar
Sei do meu valor e a cotação é dólar
Porque a vida é louca, mano, a vida é louca

Me perdi pelo caminho
Mas não paro não
Já chorei mares e rios
Mas não afogo não

Sempre dou o meu “jeitin”
É bruto mas é com “carin”
Porque Deus me fez assim
Dona de mim

Deixo a minha fé guiar
Sei que um dia chego lá
Porque Deus me fez assim
Dona de mim

Já não me importa a sua opinião
O seu conceito não altera minha visão
Foi tanto sim que agora eu digo não
Porque a vida é louca, mano, a vida é louca

Quero saber só do que me faz bem
Papo furado não me entretém
Não me limite que eu quero ir além
Porque a vida é louca, mano, a vida é louca

Me perdi pelo caminho
Mas não paro não
Já chorei mares e rios
Mas não afogo não

Sempre dou o meu "jeitin"
É bruto mas é com "carin"
Porque Deus me fez assim
Dona de mim

Deixo a minha fé guiar
Sei que um dia chego lá
Porque Deus me fez assim
Dona de mim

ANEXO B – FICHA TÉCNICA

Direção: Felipe Sassi

Roteiro: Felipe Sassi e IZA

Direção Criativa: Felipe Sassi, Bianca Jahara e Thayna Laduano

Assistência de Direção (1º): Thayna Laduano

Assistência de Direção (2º): Lucas Romano

Direção de Fotografia: Daniel Primo

Assistência de Câmera (1º): Jorge Dayeh

Assistência de Câmera (2º): Ricardo Carpim Logger: Carlos Tapareli

Direção de Produção: Diana Balsini

Produção Geral e de Elenco: Wanisy Roncone

Produção: Amanda Hayar, Caio Dias, Haln Junior, Jéssica Martins e Lucas Barsalini

Produtor de Locação: Zé Eduardo Jordão

Styling IZA: Bianca Jahara

Produção de Moda: Camilla Viana

Assistência de Moda: Luisa Scortegagna

Styling (Elenco): Fernanda Gunutzman

Assistente de Styling (Elenco): Bruna Policarpo, Diogo Gomes e Thamie Hirata Beleza (IZA): Mary Saavedra

Assistente de Beleza (IZA): Ester Ganev

Beleza (Elenco): Miriam Kanno

Assistente de Beleza (Elenco): Juliana Lima

Direção de Arte: Poliana Feulo

Contrarregras: Paulinho e Amarildo

Caminhão de Arte: Elizeu

Assistência de Arte: Sandro e Vitoria

Elenco Principal: Josi Lima, Marcella Maia, Bia Sabiá e Akauã Alves Rezende Elenco de Apoio: Alisson Falconeres, Emanuel Sá, Higor Lemo, Marco Mafia, Stephen Parry, Rômulo Viann, Osmar Pereira, Rodrigo Marcandalli, Lena Roque, Amanda Hayar, Gabe Lopes, Mariana Gedra, Diogo Cintra, Amanda Avlis, Franciele Carvalho, Allan Oliveira, Carol Cerqueira, Diego Josh e Larissa Ahazatryxxie, Talita Franceschinni, Ca.Castilho e Camila Cerqueira

Coral: Indy Naise, Camila Trindade, NegraVat, Andressa Brandão, Eloiza Paixão, Janaína Cunha, Samantha Machado, Barbara Terra, Wanessa Tibúrcio, Estela Paixão, Nayra Lays e Aline Juliano

Fotógrafo: Rodolfo Magalhães

Making Of: Cris Sevieri / Making Offers

Edição: Felipe Sassi

Cor: Lucas Bergamini

Produtora de Áudio: Capitão Foca

Edição de Som e Mixagem: Pedro Vituri

Atendimento (Produtora de Áudio): Zá Coelho

Direção Criativa (Produtora de Áudio): Felipe Parra

Chefe de Elétrica / Maquinária: Equipe GiriLuz

Caminhão de Luz e Maquinário: Equipe GiriLuz

Gerador: Equipe GiriLuz

Catering: Van Espindola

Vans: Cine Van Transportes e MWM rent a car

Motorista Van de Câmera: Gilberto Motorista

Van de Produção: João paulo

Van da artista: Adilson

Agradecimentos: Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, Escola Estadual
Conselheiro Antônio Prado, Igreja Anglicana Episcopal de São Paulo e Malibu Films

Co Apoio: Chilli Beans